

Fernanda Cristina de Souza Paz

**PAISAGENS NARRATIVAS:
DESVENDANDO AS TRANSFORMAÇÕES DE MACAIA (MG) PELA
INSERÇÃO DO LAGO DA USINA DO FUNIL**

Belo Horizonte

2018

Fernanda Cristina de Souza Paz

**PAISAGENS NARRATIVAS:
DESVENDANDO AS TRANSFORMAÇÕES DE MACAIA (MG) PELA
INSERÇÃO DO LAGO DA USINA DO FUNIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço

Linha de Pesquisa: Questões contemporâneas sobre a paisagem

Orientador: Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa

Belo Horizonte

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

P348p	<p>Paz, Fernanda Cristina de Souza Paz. Paisagens narrativas [manuscrito]: desvendando as transformações de Macaia (MG) pela inserção do lado da usina do Funil / Fernanda Cristina de Souza Paz. - 2018. 124 f. : il.</p> <p>Orientador: Altamiro Sérgio Mol Bessa.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.</p> <p>1. Paisagem – Proteção – Teses. 2. Conservação da natureza - Teses. 3. Monumentos naturais – Teses. I. Bessa, Altamiro Sérgio Mol. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.</p> <p>CDD 719.32</p>
-------	---

Ficha catalográfica: Biblioteca Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG.

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU
– da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 14 de
novembro de 2018 pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa (Orientador-EA/UFMG) altamiro Mol Bessa

Profa. Dra. Celina Borges Lemos (EA/UFMG) Celina Borges Lemos

Profa. Dra. Maria Ângela Faggin Pereira Leite (FAU USP) mafrite

Dra. Marina Salgado Marina Salgado

Dedico todo o esforço envolvido na realização deste trabalho ao meu marido Gustavo, que foi fundamental em todos os momentos, com sua presença e todo o seu incentivo e aos meus filhos João Pedro e Maria Clara, que, mesmo com pouca idade, souberam entender minha ausência!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por permitir que a realização deste trabalho fosse possível.

Agradeço ao meu querido orientador Prof. Dr. Altamiro, por todo o esforço e dedicação, pelas inúmeras orientações, sempre me apontando o melhor caminho e buscando extrair o melhor de mim. Seu papel como amigo e orientador foi fundamental em meu desenvolvimento!

Agradeço à minha família pelo estímulo constante e pela paciência, principalmente ao Gustavo, pelo apoio, exemplo e incentivo e ao João Pedro e Maria Clara, que são meus maiores e melhores presentes. A minha mãe e meus irmãos, pelo constante incentivo e meu pai, que sempre se fez presente. Aos meus tios, cunhados, primos e sobrinhos que fazem parte dos pilares que me estruturam. A Paula e a Adriana, que me substituíram cuidando de meus filhos na minha ausência.

Agradeço a Central de Apoio Técnico do Ministério Público de Minas Gerais a oportunidade, por meio da prática cotidiana, de observar a constante transformação dos lugares introduzindo reflexões sobre as paisagens de nosso Estado.

Em minhas pesquisas de campo, tive a oportunidade de conhecer grandes pessoas que me mostraram um pouco de suas histórias e me auxiliaram na confecção deste trabalho. Agradeço em especial ao Sr. Nonô Gonçalves e a Sra. Conceição da Silva por me cederem imagens de suas vidas. Agradeço à Prefeitura Municipal de Bom Sucesso pelo apoio e colaboração fornecendo toda a documentação necessária para meu estudo!

Às queridas Celina Borges Lemos e Marina Salgado, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Ao apoio institucional da Escola de Arquitetura da UFMG, bem como aos professores, funcionários e colegas do curso.

Aos amigos, de modo geral, agradeço pela torcida e força. Em especial à Dani, pelo incrível apoio, sedimentação e seu ombro amigo nos momentos de cansaço.

A todos aqueles que contribuíram para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho levantou, analisou e discutiu as transformações paisagísticas no Distrito de Macaia, município de Bom Sucesso, MG, nos seus aspectos materiais e imateriais, antes e após a construção do lago que constituiu a Usina Hidrelétrica Engenheiro José Mendes Júnior, conhecida como Usina do Funil. Buscou-se entender como essas transformações tocaram e até mesmo alteraram a vida das pessoas, conhecendo a percepção paisagística revelada pela forma como o homem se relaciona com os processos naturais e edificados de cada lugar e em cada tempo. Para tanto, inicialmente, buscou-se compreender as transformações ambientais e urbanísticas da área analisada e os processos de reconhecimento e seleção dos elementos da natureza que fizeram parte de tais transformações, verificando os impactos na vida cotidiana de sua população. Em seguida, buscou-se desvendar as paisagens produzidas mediante a análise das narrativas que revelaram as percepções individuais e coletivas, imbricadas por seus significados e valores atribuídos em cada tempo marcante para a história da localidade. Identificou-se que, perpassando todos os tempos do lugar, persiste a ideia de uma natureza sempre explorada, cujas evidências estão presentes nas intervenções humanas materiais e na memória da população. A pesquisa evidencia que, após a implantação do lago da Hidrelétrica, a ação de mecanismos controladores, normalmente associados ao mercado imobiliário, influenciou o aspecto imaginário do homem local, interferindo em suas referências prévias, especialmente pela ligação homem-natureza, a partir, principalmente, da exploração dos componentes naturais como recurso turístico e alteração da dinâmica territorial de uso e ocupação do solo pela construção da segunda residência. As paisagens narradas ressaltaram os conflitos da nova realidade com a pré-existente e os esforços sociais de adaptação às transformações ocorridas, permitindo compreender que não só o ambiente urbano, social e econômico são alterados pela implantação de uma usina hidrelétrica, mas também os aspectos subjetivos e imateriais que constroem a identidade dos lugares.

Palavras chave: Paisagem; Paisagens narrativas; Natureza; Usinas Hidrelétricas; Macaia (MG).

ABSTRACT

This work raised, analyzed and discussed the landscape transformations in the Macaia District, Bom Sucesso, MG, in its material and immaterial aspects, before and after the construction of the lake that constituted the Engenheiro José Mendes Júnior Hydroelectric Power Plant, known as the Funnel. It was sought to understand how these transformations touched and even altered the lives of people, knowing the landscape perception revealed by the way man relates to the natural and built processes of each place and each time. In order to do so, we initially sought to understand the environmental and urban transformations of the analyzed area and the processes of recognition and selection of the elements of nature that were part of such transformations, verifying the impacts on the daily life of its population. Next, we sought to unveil the landscapes produced by analyzing the narratives that revealed individual and collective perceptions, imbricated by their meanings and values attributed in each time that is striking for the history of the locality. It has been identified that, pervading all the times of the place, the idea of an always exploited nature persists, whose evidences are present in the material human interventions and in the memory of the population. The research shows that, after the implementation of the Hydropower Lake, the action of controlling mechanisms, usually associated to the real estate market, influenced the imaginary aspect of the local inhabitants, interfering in their previous references, mainly by the man-nature connection, mainly, the exploitation of natural components as a tourist resource and alteration of the territorial dynamics of land use and occupation by the construction of the second residence. The narrated landscapes emphasized the conflicts of the new reality with the preexisting and the social efforts of adaptation to the transformations that occurred, allowing to understand that not only the urban, social and economic environment are altered by the implantation of a hydroelectric plant, but also the subjective aspects and immaterial that construct the identity of places.

Keywords: Landscape; Narrative landscapes; Nature; Hydroelectric Power Plants; Macaia (MG).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DIVISÃO DAS COMARCAS DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS EM 1714.....	24
FIGURA 2: APROXIMAÇÃO DA REGIÃO DE BOM SUCESSO NO MAPA DA COMARCA DO RIO DAS MORTES (1777) COM DESTAQUE PARA A CAPELA EXISTENTE NA SERRA DO BOM SUCESSO	25
FIGURA 3: CROQUI DA MALHA URBANA ANTIGA DE MACAIA COM DESTAQUE PARA A IGREJA E A USINA DE CAL ELABORADO A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS E INFORMAÇÕES DE ANTIGOS MORADORES DO LOCAL.....	28
FIGURA 4: DISTRITO DE MACAIA COM DESTAQUE PARA A USINA DE CAL (SETA) E PARA A IGREJA DE SÃO BERNARDO (CÍRCULO)	29
FIGURA 5: LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DA USINA DE CAL DE MACAIA	30
FIGURAS 6 E 7: USINA DE CAL DE MACAIA.....	31
FIGURA 8: FORNO DA USINA DE CAL DE MACAIA.....	31
FIGURA 9: Balsa cruzando o Rio Grande em Macaia	32
FIGURA 10: Balsa cruzando o Rio Grande	33
FIGURA 11: Rua existente em um período anterior a implantação da usina	33
FIGURA 12: Ruas existentes em um período anterior a implantação da usina	34
FIGURA 13: Igreja São Bernardo do ClaraVal.....	35
FIGURA 14: Antiga residência de Fábio Elias Nepomuceno	35
FIGURA 15: Antiga residência de Sebastião Elias	36
FIGURA 16: Antiga residência de Jair Viana Botelho	36
FIGURA 17: Antiga residência de Juca Geraldo	37
FIGURA 18: Casa do Pedro	38
FIGURA 19: Casa do Salomão	38
FIGURA 20: Mais uma residência	39
FIGURA 21: Santa Casa de Macaia	39

FIGURA 22: DETALHE DA FACHADA DA SANTA CASA DE MACAIA	40
FIGURA 23: CROQUI DA ANTIGA MALHA URBANA DE MACAIA COM DEMARCAÇÃO DA ÁREA SUBMERSA	41
FIGURA 24: IMAGEM DO DISTRITO DE MACAIA COM DEMARCAÇÃO APROXIMADA DA ÁREA SUBMERSA.	42
FIGURA 25: PROJETO DE RELOCAÇÃO DO DISTRITO DE MACAIA	43
FIGURA 26: ESBOÇO DO SISTEMA VIÁRIO DE MACAIA COM INDICAÇÃO DOS PONTOS REFERENCIAIS.....	44
FIGURA 27: MACAIA ANTIGA- EXEMPLO DE VIA EXISTENTE NO LOCAL	45
FIGURA 28: MACAIA ANTIGA- EXEMPLO DE RESIDÊNCIA EXISTENTE NO LOCAL	45
FIGURAS 29, 30 E 31: MACAIA ANTIGA- EXEMPLO DE RESIDÊNCIA EXISTENTE NO LOCAL	46
FIGURA 32: NOVA MACAIA- EXEMPLOS DE RESIDENCIAIS EXISTENTES	47
FIGURA 33: NOVA MACAIA- EXEMPLOS DE RESIDENCIAIS EXISTENTES	48
FIGURA 34: NOVA MACAIA: PONTO DE APOIO POLICIAL.....	49
FIGURA 35: FOTO AÉREA DA IGREJA SÃO BERNARDO E SEU ENTORNO.....	49
FIGURA 36: VISTA DO CRUZEIRO DA IGREJA. PONTE RODOVIÁRIA NO SEGUNDO PLANO	50
FIGURA 37: VISTA DO ENTORNO DA IGREJA SÃO BERNARDO CLARAVAL.....	50
FIGURA 38: FOTO AÉREA DA IGREJA SÃO BERNARDO E A REPRESA	51
FIGURA 39: PROPAGANDA DO "CONDOMÍNIO RIVIERA"	58
FIGURA 40: PARCELAMENTO “CONDOMÍNIO NÁUTICO RIVIERA DO LAGO”	60
FIGURA 41: PORTARIA DO PARCELAMENTO “CONDOMÍNIO NÁUTICO RIVIERA DO LAGO”	61
FIGURA 42: ÁREA DE USO COMUM DO “CONDOMÍNIO NÁUTICO RIVIERA DO LAGO”	61
FIGURA 43: PORTARIA DO “CONDOMÍNIO VIVERT SANTUÁRIO NÁUTICO”	62
FIGURA 44: ÁREAS COMUNS DO PARCELAMENTO “CONDOMÍNIO VIVERT SANTUÁRIO NÁUTICO”	63

FIGURA 45: ÁREAS COMUNS DO PARCELAMENTO “CONDOMÍNIO VIVERT SANTUÁRIO NÁUTICO”	63
FIGURA 46: "RUA DA Balsa" VIA DE ACESSO AO PONTO DE TRAVESSIA DO RIO GRANDE.....	69
FIGURA 47: INAUGURAÇÃO DA SANTA CASA DE MACAIA	70
FIGURA 48: INUNDAÇÕES DAS RUAS PROVOCADA PELA CHEIA DO RIO GRANDE.....	71
FIGURA 49: ORNAMENTAÇÃO DA RUA PARA A FESTA DAS CRIANÇAS	72
FIGURA 50: "FOLIA DE REIS" NO CONTEXTO DA RUA	73
FIGURA 51: ESQUEMA APRESENTANDO AS RELAÇÕES NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	75
FIGURA 52: RUA DO CARTÓRIO: EXEMPLO DA CARACTERIZAÇÃO DAS RUAS DE MACAIA	78
FIGURA 53: PONTO DE REFERÊNCIA SIMBÓLICA PARA A POPULAÇÃO.....	83
FIGURA 54: FESTA DO CONGADO EM MACAIA.....	84
FIGURA 55: BOLO REALIZADO PARA A FESTA DAS CRIANÇAS	85
FIGURA 56: FESTA DOMINICAL REALIZADA NA VIA PÚBLICA	86
FIGURA 57: MAQUETE DA EDIFICAÇÃO DEMOLIDA	88
FIGURA 58: MAQUETE DA EDIFICAÇÃO DEMOLIDA COM DETALHE DO MOBILIÁRIO INTERNO.....	88
FIGURA 59: MAQUETE DA EDIFICAÇÃO DEMOLIDA COM DETALHE DO MOBILIÁRIO INTERNO.....	89
FIGURA 60: PROCESSO DE DEMOLIÇÃO DAS EDIFICAÇÕES	91
FIGURA 61: HABITAÇÃO SENDO DEMOLIDA	92
FIGURA 62: BEIJA-FLOR BEBENDO ÁGUA EM MEIO A DEMOLIÇÃO DE PARTE DE MACAIA	93
FIGURA 63: PORTARIA DO "CONDOMÍNIO RIVIERA NÁUTICO"	95
FIGURA 64: SÍNTESE DA CONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM	97
FIGURA 65: PESCADORES NO RIO GRANDE ANTES DA IMPLANTAÇÃO DA USINA	100
FIGURA 66: ENCHENTES DO RIO GRANDE ANTES DA IMPLANTAÇÃO DA USINA.....	102
FIGURA 67: ENCHENTES DO RIO GRANDE ANTES DA IMPLANTAÇÃO DA USINA.....	103
FIGURA 68: PONTE FÉRREA SOBRE O RIO GRANDE COM PEDESTRES NA TRAVESSIA	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 IMAGINÁRIOS DA NATUREZA EM MACAIA	17
2.1 A natureza ocupada e explorada	23
2.2 A natureza recriada	40
2.3 A natureza ressemantizada	52
3 AS PAISAGENS NARRATIVAS	66
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A - questionário.....	116
APÊNDICE B - entrevistas.....	124



1 INTRODUÇÃO

Na pesquisa científica, Demo (1985) assevera que o fenômeno humano detém constituintes que não podem ser reduzidos às características da realidade exata e natural e desta maneira, ao lado de coisas comuns, que permitem ampla permeabilização, há coisas próprias e, no fundo, típicas. Portanto, na pesquisa científica, especificamente nas ciências humanas e sociais, há sempre um protagonismo do componente particular que o objeto apresenta. Neste estudo, somam-se às particularidades ditas pelo objeto estudado, a vivência e o elo afetivo desta autora com ele, de natureza pessoal, profissional e acadêmica, que destaco abaixo em três momentos, e que convergiram para uma inquietação para o qual dirigi meus melhores esforços nesses dois anos de estudos do mestrado: *compreender como as alterações físicas dos lugares podem modificar a vida das pessoas e como suas vidas são tocadas por essas alterações.*

O primeiro momento refere-se à experiência pessoal e que venho colhendo desde a infância. Nasci no ano de 1980 na sede do município de Bom Sucesso, localizado na região sul do Estado de Minas Gerais, inserido na bacia do Rio Grande, e apesar de ter mudado da cidade ainda recém - nascida, o retorno ao município se fez constante pelo vínculo familiar. A

vivência neste ambiente me fez perceber as alterações bruscas no Distrito de Macaia, a partir dos anos de 2001, com a construção do lago que formou a Usina Hidrelétrica Engenheiro José Mendes Júnior, conhecida como Usina do Funil. Além de Macaia, os povoados de Pedra Negra e de Ponte do Funil também tiveram seu território ocupado para a implantação do lago, no entanto, apenas Macaia foi parcialmente submersa. A população atingida pelo trecho inundado foi relocada para um terreno contíguo à mancha urbana de forma a possibilitar a integração com o remanescente da antiga localidade, configurando um perímetro urbano que abriga hoje uma população estimada em 900 habitantes.

O segundo momento refere-se à experiência profissional pelo trabalho cotidiano desde os anos 2005 na Central de Apoio Técnico às Promotorias de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, onde realizo perícias na área ambiental, especificamente em patrimônio cultural, parcelamento do solo e edificações, e que me têm possibilitado observar a constante transformação dos lugares e perceber que a inserção de fatores externos à linha de desenvolvimento de um território pode modificar completamente a vida de uma comunidade.

No terceiro momento, com a experiência como discente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, pude conhecer uma base teórica que compreende a *paisagem* como categoria de investigação, vislumbrando nela a chave teórico-metodológica que permitiu a compreensão daquilo que se processou em Macaia com a inserção do fator externo, a implantação de uma hidrelétrica com a submersão de parte da localidade e o surgimento de um lago, como as pessoas que lá antes viviam foram impactadas e que tipo de paisagens estas pessoas tem hoje com o novo lugar que ali se configurou. Antes de ser apenas um espaço destinado ao ato de colher informações visuais, a *paisagem* passa a ser, na dissertação, o próprio acontecer da vida daquelas pessoas com o lugar.

Neste sentido, a hipótese que norteou a pesquisa foi que a implantação do lago alterou de forma sistemática não só o ambiente urbano, social e econômico, mas também os aspectos subjetivos e imateriais que construíram a identidade daquele lugar. Este processo de intervenção espacial atuou, especificamente, nos elementos da natureza e no imaginário das pessoas que vivem nesse ambiente, implantando no lugar realidades distintas das pré-existentes.

Desta forma, a pesquisa buscou investigar as alterações paisagísticas decorrentes da construção do lago no Distrito de Macaia, identificando os processos que constroem aquelas paisagens e seus impactos urbano-ambientais, paisagísticos e patrimoniais. Para tanto, buscou-se analisar diversas fontes documentais que proporcionassem o conhecimento da base material de Macaia, obtendo um panorama geral de sua história. Nesta fase, a inquietação por um maior conhecimento do lugar me levou diversas vezes ao Distrito possibilitando coletar um acervo fotográfico da antiga localidade como também me encantar pelas histórias contadas por seus moradores. Nestas visitas, também se buscava a nova conformação urbana após a inserção do lago e reconstrução espacial. Foram nestes momentos que a experiência profissional me conduziu à reflexão de que uma nova produção do espaço vinha ocorrendo como desdobramento da inserção do fator externo e que iria, novamente, impactar aquela população. Neste momento, aos objetivos do trabalho, somou-se o questionamento de como se deu a inserção da segunda residência no contexto analisado, pela produção condominial que surgiu às margens do lago formado, e como ocorreu sua alteração paisagística.

A descrição do Distrito de Macaia e sua apresentação ao leitor foram construídas centradas, principalmente, na relação entre o homem e os processos naturais do lugar, em cada fração do tempo, apoiando-se na literatura pertinente. Para a investigação da *paisagem*, a base material foi analisada juntamente com as percepções individuais e coletivas, ou seja, natureza e cultura caminhando juntas.

Desta forma, a partir do conhecimento das modificações estruturais, deparei com um segundo momento da pesquisa, fundamental para a compreensão da *paisagem: como o homem se relaciona (e se relacionou) com este espaço e quais são os imaginários que alteraram sua forma de olhar*. Buscando respostas para esta indagação, foi realizada uma pesquisa de campo como forma de coletar os aspectos imateriais conformadores da paisagem da área de estudo. Para tanto, foi utilizado o conceito de *paisagem narrativa*, trazido por Potteiger e Purinton (1998), no qual a construção narrativa refere-se tanto a uma história que é contada, quanto à forma que é contada. A sequência de histórias revela a experiência de um lugar configurada pelos processos naturais e culturais que possibilitam o conhecimento de questões

fundamentais como a identidade social, a história e a natureza do lugar (POTTEIGER E PURINTON, 1998).

A discussão empreendida foi principalmente de ordem qualitativa, realizada por uma metodologia que se preocupou em analisar e interpretar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, tais como aqueles decorrentes de um convívio cotidiano com o ambiente físico. A pesquisa foi tanto descritiva, pois analisou as características do conjunto dos elementos físicos, naturais e culturais daquele ambiente, quanto exploratória, visto que na medida em que se analisavam as alterações do lugar, identificava-se a relação entre os componentes da paisagem.

O referencial teórico que norteou esta dissertação se baseia na leitura da paisagem como categoria de investigação nos revelando a relação entre o homem e a natureza influenciados pelo aspecto imaginário e processos temporais e espaciais. A primeira fase de investigação teórica buscou a compreensão sobre a ideia de natureza e a definição de natural pelo caráter autoprodutivo de seus elementos, para que, posteriormente, fosse analisado o papel do imaginário no processo de reconhecimento e seleção dos elementos da natureza e como a alteração dos significados, sentidos e significações interferem na produção do espaço, e como consequência, na produção paisagística.

Na segunda fase da investigação, momento em que foi descrita a base imaterial do lugar por meio das narrativas, o referencial teórico da paisagem foi relacionado a seus atributos relativos ao espaço e tempo, experiência estética da natureza e os processos culturais que impõem imaginários na – e pela – sociedade. A fragmentação da linha do tempo daquele espaço específico é abordada em análise a temporalidade, inclusiva e cíclica, já que não possui começo, meio e fim, e a temporaneidade, que na sua desordem extrai do passado os procedimentos que preservam o futuro. Este processo temporal interfere no comprometimento ativo do homem com os elementos da natureza alterando a percepção e a prática sobre o espaço. O discurso também é abordado sendo analisado na medida em que interferem na ideia de natureza e no modo de usar o espaço, consequentemente na produção paisagística.

O trabalho foi organizado e apresentado em quatro capítulos, que se inicia nesta Introdução. O segundo capítulo denominado *Imaginários da Natureza em Macaia* foi dividido em três momentos que marcam inflexões paisagísticas no Distrito: o primeiro, da ocupação inicial do sítio e exploração de seus recursos naturais, no qual a lentidão do processo de ocupação foi sedimentando uma relação mais estável de percepção paisagística, resultando num povoado com edificações e pessoas em melhor diálogo com o lugar; o segundo momento, o da criação da hidrelétrica de Funil e do lago que inunda parte da antiga localidade, obrigando o deslocamento da população e a construção de uma nova ocupação, produzindo um desenraizamento paisagístico acelerado, com o conseqüente estranhamento com o lugar; o terceiro e atual momento, que foi denominado *A natureza ressemantizada*, descreve a construção de “condomínios fechados”, especialmente para utilização como segunda residência, trazendo para a localidade uma população externa e que, com o tempo, passará a influenciar seus valores e necessidades, seja no uso, seja na apropriação da localidade.

No capítulo 3, denominado *Paisagens Narrativas*, são apresentadas as percepções individuais e coletivas que revelam significados e valores atribuídos a cada tempo e lugar, a partir de histórias contadas pelos próprios habitantes. Esse processo de resgate da memória individual e coletiva humaniza e organiza os elementos da natureza mediados pelos imaginários que marcam o tempo, o espaço e os valores culturais daquela sociedade. Neste contexto, lembranças são associadas a eventos ou práticas cotidianas sendo descritas a partir de realidade fática ou fictícia, cabendo ao interlocutor à análise de seus significados (POTTEIGER e PURINTON, 1998). Os trechos narrados, bem como a explanação conceitual foram ilustrados por meio de acervo fotográfico, no qual foram aplicados filtros ou efeitos artísticos que remetem a realidade da paisagem expressa pelo olhar do homem.

A fim de delimitar e circunscrever a fala do narrador foi aplicado um questionário pré-estruturado (*Apêndice A*), aplicado a 35 moradores do local, de “condomínios fechados”, funcionários da Prefeitura Municipal e do Poder Legislativo, corretores imobiliários e residentes na sede do município de Bom Sucesso. As perguntas previamente estabelecidas buscaram o conteúdo semelhante mantendo apenas a ordem temporal existente na história de Macaia e foram realizadas por meio de um contexto de conversa informal. As narrativas foram descritas como foram verbalizadas e após sua transcrição e ilustração foram

confrontadas com o embasamento teórico e empírico, no qual, a *paisagem* foi analisada a partir da experiência estética dos elementos da natureza e sua articulação entre tempo e espaço, já que esta se encontra impregnada pela história e sua relação entre passado, presente e futuro. Os impactos deste processo inter-relacionado entre natureza e cultura, envolto pelas escalas de espaço e tempo foram apresentados no capítulo final deste trabalho: *considerações finais*.



2 IMAGINÁRIOS DA NATUREZA EM MACAIA

Na origem da humanidade, em um período arcaico, o homem e o mundo natural formavam uma só unidade, não havendo separação entre um e outro e, conseqüentemente não se observavam relações de domínio ou posse. O ser humano movimentava-se, sem habitação fixa, utilizando a natureza como fonte de sobrevivência, através da caça, pesca e da coleta de alimentos (MUMFORD, 1982).

Com o passar do tempo, o ser humano deixa de ser nômade e passa a habitar pontos fixos, em busca de uma ligação estável entre ele e o espaço que o cercava. Esta mudança iniciou-se a partir do desenvolvimento da produção para a sobrevivência, agricultura e domesticação de animais (LEITE, 2006), e da fabricação de utensílios a partir dos elementos naturais (MUMFORD, 1982).

A evolução das técnicas de produção asseguradas pela observação dos ciclos naturais possibilitou a diminuição da dependência com a natureza. Assim, progressivamente, inicia-se a transformação do cenário natural para o artificial, com o homem deixando de habitar as cavernas, acampamentos e aldeias para construir cidades.

As primeiras civilizações desenvolveram-se nos vales férteis dos rios e tão logo estes núcleos de ocupação tiveram maior expressão, componentes celestes e do meio natural como o sol, a lua, as águas, o trovão e o deserto passam a ter atributos divinos (MUNFORD, 1982). Já no contexto das cidades, em período mais demarcado a partir da civilização grega, os mitos são usados para explicar estes fenômenos. Desta forma, a natureza foi divinizada através das criações dos deuses inspirados em seus elementos: o relâmpago de Zeus, o deus Vulcano, o Éolo, deus do vento que agita os mares e gera tempestades.

As contradições e limitações da mitologia desencadearam processos filosóficos e com os pensadores naturalistas, os mitos começam a ser discutidos. A partir da continuidade dos pensamentos filosóficos, a ideia de natureza vai se transformando em algo sublime e com leis próprias. Esta nova concepção, posteriormente, transmite a ideia de que se é possível conhecer suas leis, é possível dominá-la.

As religiões se apropriam desta visão e, na Idade Média *Cristã*, Deus passa a ser o centro do universo e criador de todas as coisas. Desta forma, a natureza passa a ser inimiga, já que não é sobrenatural. Neste momento, o homem já trabalha no campo, salvo algumas exceções como os nobres e o clero, intervindo na terra para o plantio, colheita e criação de animais. A intervenção também ocorria para a edificação de sua própria moradia. Assim, lentamente o homem vai se descolando desta natureza através da construção dos lugares como espaço do vivido e maior entendimento dos processos naturais (LENOBLE, 1990). O homem, habitando ou não nas cidades, distancia-se do mundo natural, chegando, em alguns casos, a uma relação de temor, de pavor com a natureza virgem e intocada que passa a se conformar como um inimigo a ser vencido através da dominação e do controle (SEVCENKO, 1996).

Com a pré-modernidade, evolui-se a ideia de ciência e a intervenção de religiões que “autorizam” a dominação da natureza. No contexto das cidades, o homem alcança a ideia de

liberdade ganhando maior independência, o que trouxe como consequência sua separação com o mundo natural.

Com a evolução da ciência, o homem passa a utilizar os recursos naturais por meio de técnicas de exploração. Robert Lenoble (1990) afirma que, neste período, o homem já domina a natureza, tornando-se ele próprio o centro do universo. Esta dominação segue até os dias atuais, onde o ser humano é capaz de alterar o espaço por meio de intervenções que o modificam completamente.

A partir da observação desta evolução humana, Robert Lenoble (1990, p. 16) relata que “não existe natureza em si, existe apenas uma natureza pensada”. Para o autor, o olhar do homem frente ao mundo físico cria “sentidos radicalmente diferentes segundo as épocas” e segundo cada ser humano (LENOBLE, 1990, p.17).

A ideia de natureza criada pelo homem está associada à definição de natural, ao fundamento originário da vida. O natural da natureza é reconhecido pelo “**caráter autoprodutivo das suas formas e ritmos de renovação**” (SERRÃO, 2005, p. 8). Ainda,

(...) reconhece-se o natural no que existe apenas por si (*von allein da ist*), que se faz a si próprio (*eigenmachtig*) e não é feito pelo homem. O critério último capaz de discriminar a coisa natural é, portanto, o de autoprodução, o produzir-se (*Erzeugen*) por si (*von selbst*), em contraste com a esfera do fazer (*machen*): a esfera dos naturais é o domínio do não-feito (*Bereich des Nicht-gemachten*), por oposição ao que é feito, ao mundo dos artefatos. (...) Os naturais não são produzidos, não são feitos pelo homem, mesmo que tenham sido alterados ou continuem a sofrer alterações. Podem receber a marca do agir humano, desde que tal agir (*zutun*) não seja constante nem incida na sua processualidade imanente – o homem pode alterar, manipular, mas não produzir a natureza (SERRÃO 2004, p.94).

Contudo, a criação da ideia de natureza que preside cada época e contexto sócio-cultural é um processo de reconhecimento e seleção de elementos da natureza influenciados por valores históricos-culturais de uma sociedade. Estes valores estão imbuídos de referências prévias que

reconstroem o mundo através do aspecto imaginário interferindo na produção do espaço, e como consequência, na produção paisagística, pois

(...) na dimensão onírica desses lugares e paisagens dos mais variados gêneros, há apenas uma característica comum: eles não existem para nós a menos que a técnica e o simbolismo lhes confirmem uma realidade que não é inerente a eles, mas à nossa relação com eles. Porque são a imaginação, os fluxos de crenças, as ilusões ou as imagens os reais instrumentos civilizatórios e estéticos à disposição da humanidade na conformação das paisagens e na organização de seus lugares de vida (LEITE, 2014, p.3).

Esta diferenciação entre o real e a significação subjetiva baseia-se em referências, valores e signos (PESAVENTO, 2004). O imaginário representa um papel simbólico que utiliza informações reais sem mimetizá-las e as transformam de forma a criar um novo significado (LEITE, 2014). Ainda, se organiza segundo uma lógica, ideologia, mantendo uma estreita ligação com o significado do espaço.

Apesar de ser um fenômeno coletivo, ou seja, que provem de um contexto onde o sujeito se encontra no meio social, o imaginário decorre de uma significação individual influenciando sua percepção subjetiva. A construção da imagem parte do ponto de vista do cidadão a partir de significados impostos pela coletividade (SILVA, 2011). Assim, a vivência individual se articula com a coletiva e criam representações homogeneizadoras do imaginário social. Sintetizando a realidade com as representações culturais da individualidade e coletividade tem-se a imagem-síntese que “conformaria crenças e saberes, instruindo aqueles que, envolvidos com o marketing moderno e a mídia, procuram articular a atividades econômicas e sociais determinados elementos de consensos discursivos sobre a vida” (RIBEIRO, 1996, p.55).

Wunenburger (2003, p. 54) traz em seu texto que “os homens inventam, desenvolvem e legitimam suas crenças em imaginários na medida em que essa relação com o imaginário obedece a necessidades, satisfações, efeitos a curto e a longo prazo que são inseparáveis de sua natureza humana”. Para o autor, há três principais funções do imaginário para o sujeito e o coletivo. O primeiro se refere ao *estético-lúdico* que se refere às atividades desinteressadas,

aos comportamentos de sobrevivência e do trabalho, como o jogo, o divertimento e as artes. O jogo como uma necessidade de repouso e para as crianças como brincadeira de ‘faz de conta’. O divertimento é o jogo transplantado para a vida adulta. Já a arte “atesta no homem uma necessidade universal de fabricar imagens e de dar corpo e controle a um imaginário visual e textual” (WUNENBURGER 2003, p. 57).

O segundo objetivo é descrito como *cognitivo* onde o imaginário presente no mito “inventa de modo simbólico uma compreensão das coisas, encontra uma ordem e um sentido, mesmo que sua explicação seja impossível” (WUNENBURGER 2003, p. 59).

O terceiro e último objetivo refere-se ao *instituinte prático* onde o imaginário adquire uma ação social baseada nas necessidades da sensibilidade e do pensamento. É por esta orientação que os homens mantêm uma vida social respeitando autoridades, normas e leis. O imaginário interfere na vida cotidiana e na ação do sujeito no espaço privando-o da liberdade de julgamento.

A mídia, o marketing, as empresas e o capital, como no caso de Macaia após a criação do lago da hidrelétrica, tratada no item 2.2 e 2.3, utilizam estas três funções do imaginário para influenciar a vida e as decisões da sociedade sem que esta se dê conta da influência recebida. “Os indivíduos e os povos encontram nos imaginários de seus sonhos objetivos para suas ações presentes e futuras. Os mitos do futuro fascinam, galvanizam energias, permitem fomentar planos de realização para mudar o presente” (WUNENBURGER 2003, p. 66).

A partir da imagem do lugar, o imaginário impõe significados através de um “conjunto de iniciativas e estratégias desenvolvidas, de forma privilegiada, na esfera da política e, também em processos voltados à administração da cultura” (RIBEIRO, 1996, p. 55). Este componente imaginário condiciona a forma de ação no território (TURRI, 2013).

Coelho Netto (2002, p. 98) afirma que a construção do imaginário é realizada “a partir de múltiplos pontos de vista utilizados simultaneamente”. O autor chama a atenção para o fato de que o imaginário está associado ao conceito de ideologia relatando que “não há significado,

sentido e significação, na obra de arte ou na vida ‘comum’, sem a presença de ambas essas atividades, simultaneamente” (COELHO NETTO, 2002, p. 99).

A ideologia, para o mesmo autor, é “uma representação da realidade, e uma representação das relações entre homens e essa realidade, que foi escolhida pelos homens, por uma série de razões, como sendo a mais adequada e conveniente” (COELHO NETTO, 2002, p. 101.)

Para Marilena Chauí (2004, p. 8)

(...) os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia.

Chauí (2004) também relata que a ideologia é um instrumento de dominação, uma forma de ilusão criada a partir da análise dos fatos sociais históricos e representações que vão de interesse a classe social em que se encontra. São produzidas de forma que pareça o interesse de todos. A autora afirma que a ideologia impede que a dominação seja percebida em sua realidade concreta.

Mesmo estando relacionada a mais de um sujeito, a ideologia se altera dependendo do observador. Chauí dá como exemplo uma montanha que muda seu significado dependendo de quem a analisa. Por exemplo, para uma sociedade politeísta, a montanha pode ser morada dos deuses; para mineração de ferro, pode ser fonte de lucro capitalista; para trabalhadores desta mineradora, ela é local de trabalho; para pintores, é um campo de visualização do seu trabalho; entre outros. A situação social, temporal e econômica influencia na decodificação do elemento. Coelho Netto (2002, p.102) reafirma Chauí (2004) ao relatar que “a ideologia será recomposta necessariamente por uma apreensão da realidade baseada numa multiplicidade de pontos de vista (o aspecto político, o aspecto religiosos, o aspecto estético, etc.)”.

Assim, pode-se perceber que a ideologia vem como um conjunto de valores construídos por determinados atores objetivando interesses próprios, mas apresentados como interesses comuns. Este novo conjunto de valores passa a se tornar um ‘senso comum’ que será almejado pelo restante da população.

A transformação histórica de Macaia, discutida a seguir, teve como base a ideia de uma natureza sempre explorada, desde o surgimento do distrito. Inicialmente, como quase todos os núcleos mineiros, o seu natural era objeto de exploração mineral, especialmente o ouro e depois o cal, até chegar aos dias atuais, com a construção dos condomínios em torno do lago da hidrelétrica, em que o natural serve agora à construção de uma ideia de natureza idílica, apropriada pelo lazer em “condomínios” luxuosos. Se nos primórdios, a lentidão do processo de exploração mineral do natural do lugar e, depois, a estagnação econômica que se seguiu possibilitaram a criação de uma relação paisagística em maior diálogo com a temporalidade que o atravessa, a atual, por sua vez, insere-se como uma temporaneidade violenta que se coloca justamente na trajetiva paisagística entre os moradores e este lugar, gerando, como será visto no capítulo 3, um estranhamento entre estes dois termos.

2.1 A natureza ocupada e explorada

A exploração do ouro em Minas Gerais gerou um grande fluxo migratório, trazendo diversos aventureiros, principalmente paulistas, à região, fazendo surgir pequenos arraiais ao redor dos pontos de exploração. Estes povoados consolidaram-se pela necessidade de diversificação das atividades produtivas que caracteriza a economia mineradora.

Consolidados os assentamentos humanos, para reconhecer a sua importância e regularizar os órgãos administrativos no que tange a justiça e ação fiscal, principalmente em relação à arrecadação de impostos, a Coroa criava as comarcas. Em 1714, a Capitania de Minas Gerais estava dividida em três comarcas: Vila Rica (Ouro Preto), Rio das Velhas (Sabará) e Rio das Mortes¹ (São João Del Rei) (TJMG, 2014). As delimitações da região da Comarca do Rio das

¹ A título de curiosidade, a origem do nome Rio das Mortes se deve a um conflito ocorrido durante a Guerra dos Emboabas (1707 – 1709) conhecido na história como “Capão da Traição”. Esta luta ocorreu em uma mata baixa cercada por florestas (capão), na região próxima a atual Tiradentes e São João Del Rei, onde aconteceu um massacre de diversos paulistas e seus corpos foram jogados no rio que ficou conhecido como Rio das Mortes.

Mortes, a localização de sua principal Vila (São João Del Rey) e o atual município de Bom Sucesso podem ser visualizados na Figura 1:

Figura 1: Divisão das Comarcas da Capitania de Minas Gerais em 1714



Fonte: elaborado com base em Biblioteca Nacional Digital Brasil (2018) e SIDRA (2018).

A primeira ocupação da região do Rio das Mortes data o ano de 1674, quando a expedição bandeirante de Fernão Dias funda o atual município de Ibituruna, localizada a aproximadamente 18km (dezoito quilômetros) de Bom Sucesso, no qual localiza-se o Distrito de Macaia, objeto de estudo desta dissertação.

A Comarca do Rio das Mortes era caracterizada por ser a mais extensa e, a partir desta modificação da dinâmica econômica, teve uma importância crescente nas atividades agrícolas e pastoris, o que a transformou em uma das mais habitadas da Capitania a partir de meados do século XVIII (GRAÇA FILHO, 2013).

Neste espaço predominava o ambiente rural, com propriedades não muito extensas caracterizadas pela produção de subsistência e com excedente revendido na área urbana, que, neste momento, configurava uma posição de comércio e centro de negócios. A riqueza de

alguns habitantes da Comarca provinha da comercialização de produtos animais e agrários que concentravam na Vila de São João e São José e seguiam em direção ao Rio de Janeiro. O comércio de São João Del Rei “fora o mais importante das Minas oitocentistas e sua elite pode acumular capitais por meio do financiamento aos produtores rurais” (GRAÇA FILHO, 2013, p.61).

Em 1833, ocorreram os primeiros desmembramentos importantes da Comarca do Rio das Mortes, ficando circunscrita a São João Del Rei, São José Del Rei, Tamanduá, atual Itapeverica, e Lavras. Em 1890, São José Del Rei, já com o nome de Tiradentes, passa a ser Comarca e em 1891, forma-se a Comarca de Bom Sucesso, ficando a Comarca do Rio das Mortes reduzida ao município de São João Del Rei (TJMG, 2014).

A formação de pequenos povoados se dá em uma vasta região que orbita São João Del Rei, como é o caso de Bom Sucesso, que no período colonial era considerado distrito da principal vila da Comarca. No mapa com o título “Mappa da Comarca do rio das Mortes pertencente a Capitania de Minas Gerais que mandou descrever o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Antônio de Noronha Governador e Capitão General da mesma Capitania segundo as mais exactas informações”, feito por José Joaquim da Rocha em 1777, vê-se já a localização da Serra de Bom Sucesso e Macaia.

Figura 2: Aproximação da região de Bom Sucesso no Mapa da Comarca do Rio das Mortes (1777) com destaque para a Capela existente na Serra do Bom Sucesso



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil (2017).

Os pequenos distritos e municípios desta região se fizeram crescer como pontos de pequeno comércio de produtos de necessidades básicas para sustentar as fazendas ao redor dos povoados. O comércio e negócios de maior porte eram realizados no centro da comarca, principalmente por fazendas maiores e com maior produção. Já as necessidades diárias e semanais como missas e diversões de fim de semana eram, muitas vezes, realizadas nos pequenos povoados, principalmente por proprietários rurais que não tinham vínculo comercial como a Vila (ALMEIDA, 2005).

Por volta da década de 1870, o município de São João Del Rei foi conectado ao Rio de Janeiro por meio de uma linha férrea, a fim de facilitar a circulação de pessoas e mercadorias. Posteriormente, em 1885 esta linha foi ligada ao oeste de Minas Gerais por uma ampliação que iniciou em São João Del Rei e bifurcou em dois troncos no território de Bom Sucesso, em um povoado com o nome de Aureliano Mourão. O primeiro tronco seguia rumo norte, pelo município de Oliveira até Barra do Paraopeba; o segundo seguia pelo vale do Rio Grande em direção a Ribeirão Vermelho, que naquele instante pertencia ao município de Lavras. Neste segundo tronco, a linha férrea seguia o Rio das Mortes e no Distrito de Macaia encontrava o Rio Grande (ESTAÇÃO FERROVIÁRIA OESTE DE MINAS, 2015). Em muitas regiões, os pontos de embarque e desembarque das estações ferroviárias transformaram-se em distritos e municípios ou os fizeram crescer em população e progredir economicamente (COIMBRA, 2012).

Em Bom Sucesso, com o passar dos anos, a área ocupada pelo território municipal foi sofrendo variações em dimensões e número de povoados. Em 1923, foi criado o Distrito de Macaia, onde já existia um povoamento (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2015).

As primeiras referências à ocupação de Macaia relatam uma fazenda de propriedade do português Frutoso Dias de Oliveira, que veio para o Brasil em 1767. Em 1800, o português faleceu deixando para seus herdeiros algumas propriedades, inclusive uma fazenda no “Porto do Macaia do Termo da Vila de São João”, com “casas de vivenda coberta de telhas e paiol, senzalas cobertas de capim e moinho com cercado de pedras que se compõem de matas virgens e capoeiras” (Projeto Resgate - Minas Gerais 1680-1832).

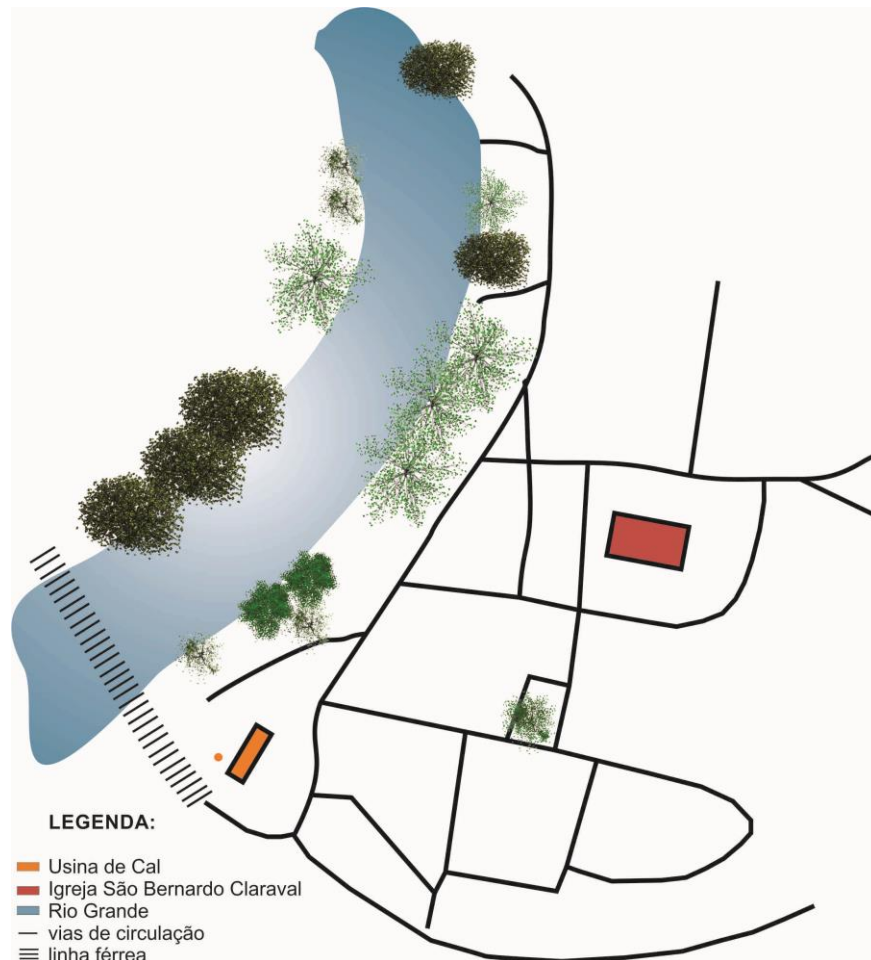
Ainda, em relação à ocupação do distrito, o livro “As Margens do Rio Grande: registro histórico-cultural das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência da UHE Funil” relata que havia vestígios de cata de ouro no local conhecido como “Mata dos Botelhos”, lugar onde se iniciou a ocupação da comunidade (COIMBRA, 2012). Muitos moradores também afirmam que, nesta mata, existiu um cemitério, uma capelinha e um presídio, como é o caso da Sra. Nilza Botelho:

Certa vez, um amigo de meu pai (...), disse que próximo ao porto de São Bernardo existiu um presídio (...). Meu pai e minha mãe acreditavam que esse presídio era da época dos bandeirantes, que ali detinham os desleais. Em volta dali, se formou uma pequena comunidade, famosa pela promoção de festas animadas. Com o tempo, os filhos se casaram e saíram para outras localidades. Depois, com a atividade da cal, Macaia começou a ser desenvolver mais embaixo, seguindo o rio. Relato de D. Nilza Botelho. (COIMBRA, 2012. p. 100)

O Distrito de Macaia se consolidou como povoado a partir da inauguração de uma estação de um ramal de estrada de ferro de bitola estreita, conhecida como “bitolinha”, em 31 de dezembro de 1887 (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2007a).

Na Figura 3, vê-se um croqui referente a malha urbana antiga do Distrito, a partir da margem direita do Rio Grande, tendo a ferrovia como elemento responsável pelo escoamento do cal produzido na usina e da produção agrícola e pecuária, principalmente café, queijo, polvilho e fumo. A usina de cal atuou como principal polo gerador de empregos atraindo edificações residenciais para seu entorno (COIMBRA, 2012).

Figura 3: Croqui da malha urbana antiga de Macaia com destaque para a Igreja e a Usina de cal elaborado a partir das fotografias e informações de antigos moradores do local



Fonte: elaborado pela autora, 2017.

A fábrica de cal localizava-se nas margens do Rio Grande de forma a facilitar o transporte das pedras vindas, principalmente, de Ijací, município vizinho ao distrito. Na Figura 4, tem-se uma vista aérea do Distrito de Macaia apresentando a linha férrea cruzando o Rio Grande e a Usina de Cal implantada em sua margem.

Figura 4: Distrito de Macaia com destaque para a Usina de Cal (seta) e para a Igreja de São Bernardo (círculo)



Fonte: Prefeitura Municipal de Bom Sucesso, sem data definida.

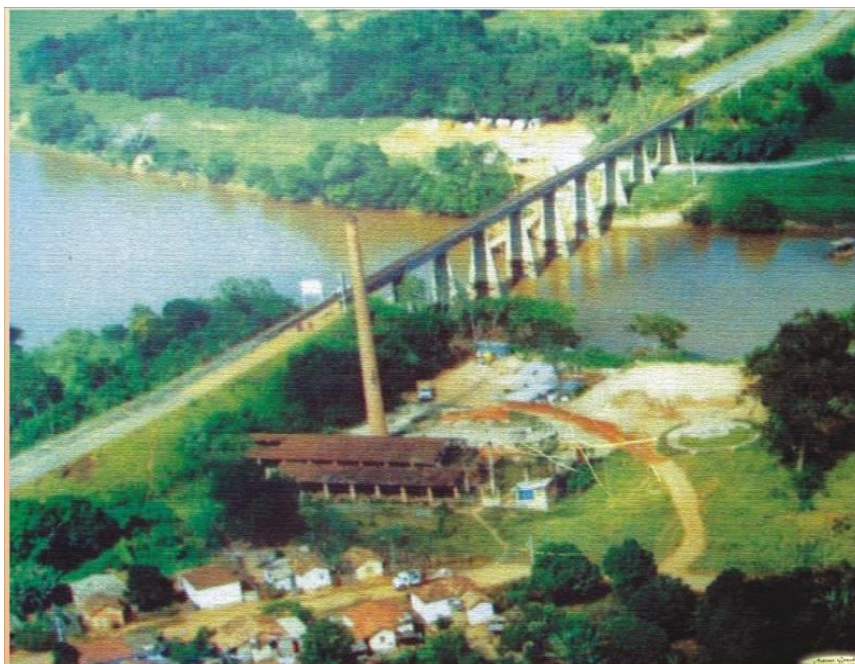
A principal atividade econômica do Distrito, além da produção agrícola, era a usina de cal, ou óxido de cálcio, que submetia o calcário a um tratamento térmico de aproximadamente 900°C (COIMBRA, 2012). O cal era muito utilizado na construção civil, na indústria cerâmica e farmacêutica como agente branqueador ou desodorizador. Não se sabe a data de implantação da usina, no entanto, a Prefeitura Municipal relata que no ano de 1894 já havia a exploração de grande quantidade de cal (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2007a). A fábrica fora assim construída:

Os primeiros fornos de cal eram redondos, feitos de tijolos de cerâmica, cerca de quinze metros de altura e boa parte ficava embaixo da terra para homogeneizar e conservar o calor. A parte externa apresentava-se como um bolo de camadas sobrepostas, afuniladas, que iam diminuindo o diâmetro da circunferência até a abertura superior (...). A lenha que alimentava o fogo era colocada em uma abertura lateral. Quando em funcionamento, contavam com uma cobertura. Sobre a brasa ardente eram colocadas as pedras virgens de cal, de cor acinzentada levemente brilhante, que depois de pelo menos três dias de

intenso calor se transformavam em pedras brancas, quebradiças, prontas para virar o pó de cal. O telhado do comprido forno contínuo, da Indústria Reunida de Cal Ltda (Induscal) e a grande chaminé, em forma de torre, de tijolo à vista, destacavam-se no cenário de Macaia. Por dentro, estrutura em arcos, tanto das aberturas que dão acesso para a parte interna quanto no teto, formando um corredor abobadado de aproximadamente 40 metros de comprimento. Na edificação de quatro ou cinco metros, uma manilha presa no teto cumpria a função de chaminé do grande forno. Paredes largas de tijolo de cerâmica, dispostos bem juntinhos, conservavam a cor original mesmo depois de anos de atividade do forno (COIMBRA, 2012, p. 102/103).

A Figura 5 apresenta a implantação da Usina de Cal, localizada na margem direita do Rio Grande e em um ponto estratégico em relação à ferrovia, que era a principal responsável pelo escoamento da produção.

Figura 5: Local de implantação da Usina de Cal de Macaia



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida.

As Figuras 6 e 7 retratam a configuração da Usina e suas características arquitetônicas, bem como a proporcionalidade da chaminé em forma de torre, que se destaca no contexto urbano em que estava inserido.

Figuras 6 e 7: Usina de Cal de Macaia



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida.

A Figura 8 mostra a parte externa do forno em forma de bolo com camadas sobrepostas.

Figura 8: Forno da Usina de Cal de Macaia



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida.

O Distrito de Macaia desenvolveu-se às margens do Rio Grande que possuía largura superior a 100m. No período anterior à Usina do Funil, não havia uma ligação de pedestres ou veículos automotores entre Macaia e a estrada que leva a Lavras passando pelo município de Ijaci,

localizado do outro lado do rio. A ligação entre estes lugares se dava por uma linha férrea sobre ponte que cruzava o Rio Grande ou por uma balsa. Os dormentes de madeira desta mesma linha férrea eram utilizados para a travessia de pedestres que não possuíam condições financeiras de pagar a balsa diariamente ou porque esta não estava operando.

Para cruzar o Rio com automóveis eram utilizadas balsas feitas pela junção de canoas unidas por barrotes em cima dos quais estava assentado um assoalho. Havia um cabo de aço preso nos dois lados do rio e uma carretilha que, impulsionada pela correnteza, percorria de um lado a outro. Nas margens do rio, a balsa era posicionada manualmente permitindo o embarque e desembarque de pedestres, ciclistas, carros e caminhões (Figuras 9 e 10). A princípio era apenas uma balsa que fazia este transporte, posteriormente, com o aumento da demanda, surgiu mais uma que usava o mesmo sistema. A balsa funcionava diariamente e só era interrompida quando havia enchentes ou inundações e quando ocorriam as secas que não permitiam a movimentação da balsa pela correnteza.

Figura 9: Balsa cruzando o Rio Grande em Macaia



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida.

Figura 10: Balsa cruzando o Rio Grande



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida.

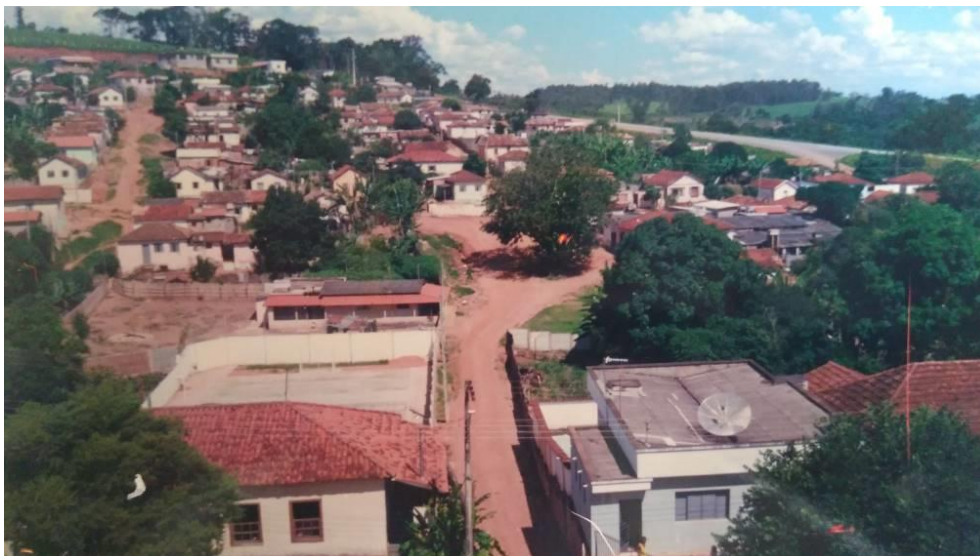
Em Macaia, apenas no ano de 1969, foram implantados o abastecimento de água e o fornecimento de energia elétrica. As vias de circulação (Figuras 11 e 12) eram caracterizadas pela compactação do solo e, devido à carência de pavimentação e drenagem pluvial, eram afetadas constantemente por processos erosivos provocados pelas águas das chuvas. O esgoto sanitário era realizado por meio de fossas individuais construídas pelos próprios moradores (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2015).

Figura 11: Rua existente em um período anterior a implantação da Usina



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida.

Figura 12: Ruas existentes em um período anterior a implantação da Usina



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida.

O povoamento do Distrito de Macaia iniciou-se no período colonial, momento em que as edificações eram construídas com diversos materiais, entre eles: “tijolão”, adobe e madeira. A maioria era destinada ao uso residencial caracterizado por um ou dois pavimentos. Como grande parte dos povoados mineiros, a ocupação iniciou-se no entorno da principal igreja e, posteriormente, a mancha de ocupação seguiu em direção ao polo gerador de empregos, no caso, a usina de cal.

O inventário realizado pela Prefeitura Municipal através de seu “Plano de Inventário de Proteção ao Acervo Cultural” relata diversas edificações objeto de proteção como a Igreja de São Bernardo do Claraval (Figura 13); a antiga residência de Fábio Elias Nepomuceno (localizada em frente a Praça de São Bernardo e atualmente demolida) (Figura 14); a antiga residência de Sebastião Elias (localizada na rua paralela a principal e atualmente demolida) (Figura 15); a antiga residência de Jair Viana Botelho (localizada na Praça de São Bernardo e atualmente demolida) (Figura 16); e a antiga residência de Juca Geraldo (localizada na Rua Henriqueta Vitorinha Maia Botelho e atualmente demolida) (Figura 17) (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2007b).

Figura 13: Igreja São Bernardo do Claraval



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 14: Antiga residência de Fábio Elias Nepomuceno



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 15: Antiga residência de Sebastião Elias



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 16: Antiga residência de Jair Viana Botelho



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 17: Antiga residência de Juca Geraldo



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Além das edificações inventariadas, o Distrito de Macaia contava com diversos outros imóveis que, pela sua arquitetura, remetiam a um referencial simbólico para a população do local. Todas elas têm em seus quintais, geralmente laterais e de fundo, fragmentos de natureza construídos, como é próprio do jardim brasileiro, com espécies cultivadas para uso culinário e medicinal, junto a espécies frutíferas, especialmente aquelas com as quais se fabricam os doces caseiros. Um componente natural artificialmente colocado entre as edificações, conformando a ideia de uma natureza que costurava e emoldurava o sítio urbano, como se vê nas Figuras 18 a 20.

No entanto, grande parte das edificações mais antigas, residenciais e comerciais, localizava-se entre a Praça de São Bernardo e as margens do Rio Grande, sendo demolidas para o enchimento da represa da Usina do Funil (Figuras 18 a 22).

Figura 18: Casa do Pedro



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 19: Casa do Salomão



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 20: Mais uma residência



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 21: Santa Casa de Macaia



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

Figura 22: Detalhe da fachada da Santa Casa de Macaia



Fonte: Nono Gonçalves, sem data definida.

2.2 A natureza recriada

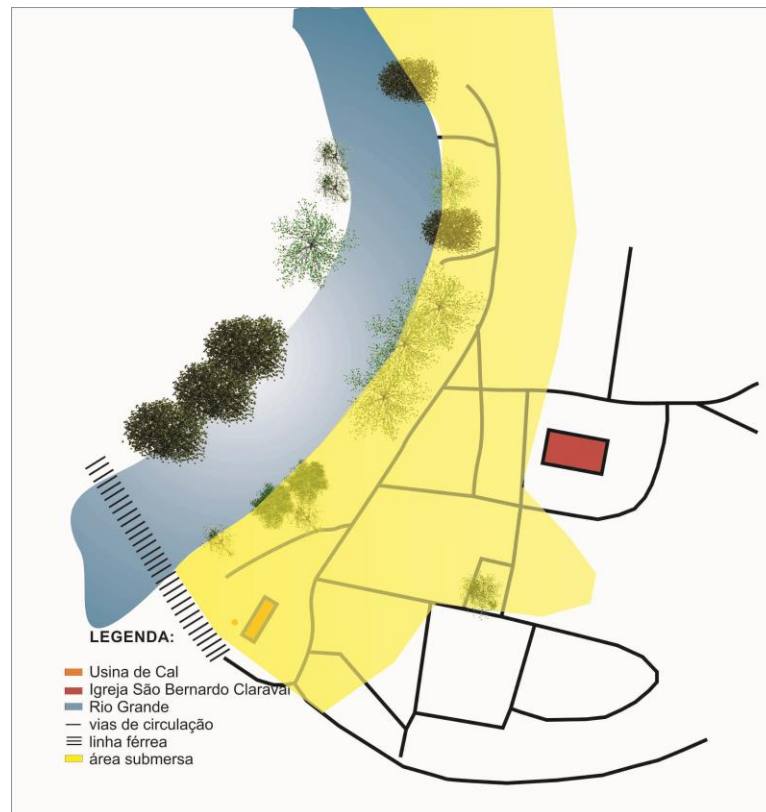
No ano 2000, iniciaram-se as obras para a construção da Usina Hidrelétrica do Funil na região ocupada pelo Distrito de Macaia. A Usina do Funil ou Usina Hidrelétrica Engenheiro José Mendes Júnior é administrada pela Aliança Geração de Energia S.A., empresa responsável por representar a união das empresas VALE (com 55% das ações) e o Grupo CEMIG (com os restantes 45%). Segundo Aliança Energia (2015) a produção da nova usina seria suficiente para abastecer uma cidade de aproximadamente 500 mil habitantes por uma potência instalada de 180MW com 89 MW de energia média assegurada em operação.

Localizada em uma região historicamente caracterizada pela propriedade rural e por pequenos povoados, formado predominantemente por famílias de agricultores, o reservatório ocupa parte do curso do Rio Grande, na região sul de Minas Gerais e seus principais afluentes são os Rios das Mortes e Capivari. A área atingida pelo reservatório abrange os municípios de Lavras, Perdões, Ijaci, Bom Sucesso, Itumirim, Ibituruna (ALIANÇA ENERGIA, 2015). Nesta área destacam-se o Distrito de Macaia e o povoado de Pedra Negra, pertencente ao município de Bom Sucesso, e Ponte do Funil, pertencente a Lavras, localizadas às margens do

Rio Grande e que formam parcial (Macaia) e totalmente (Pedra Negra e Ponte do Funil) relocados.

Os distritos totalmente submersos perderam a ligação concreta com o físico onde estavam implantados. Assim, foi construída uma nova base morfológica da paisagem e não apenas alterada. Já no Distrito de Macaia, parte foi submerso, como pode ser visualizado nas figuras 23 e 24, e esta parte afetada foi relocada para um terreno contíguo ao povoado de forma a possibilitar a integração com o remanescente da antiga localidade. Além deste novo traçado urbano, a água formada pelo lago constitui-se como uma marca nova para a região modificando a relação entre a população e este novo espaço, o que geram novas paisagens.

Figura 23: Croqui da antiga malha urbana de Macaia com demarcação da área submersa



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Figura 24: Imagem do Distrito de Macaia com demarcação aproximada da área submersa.



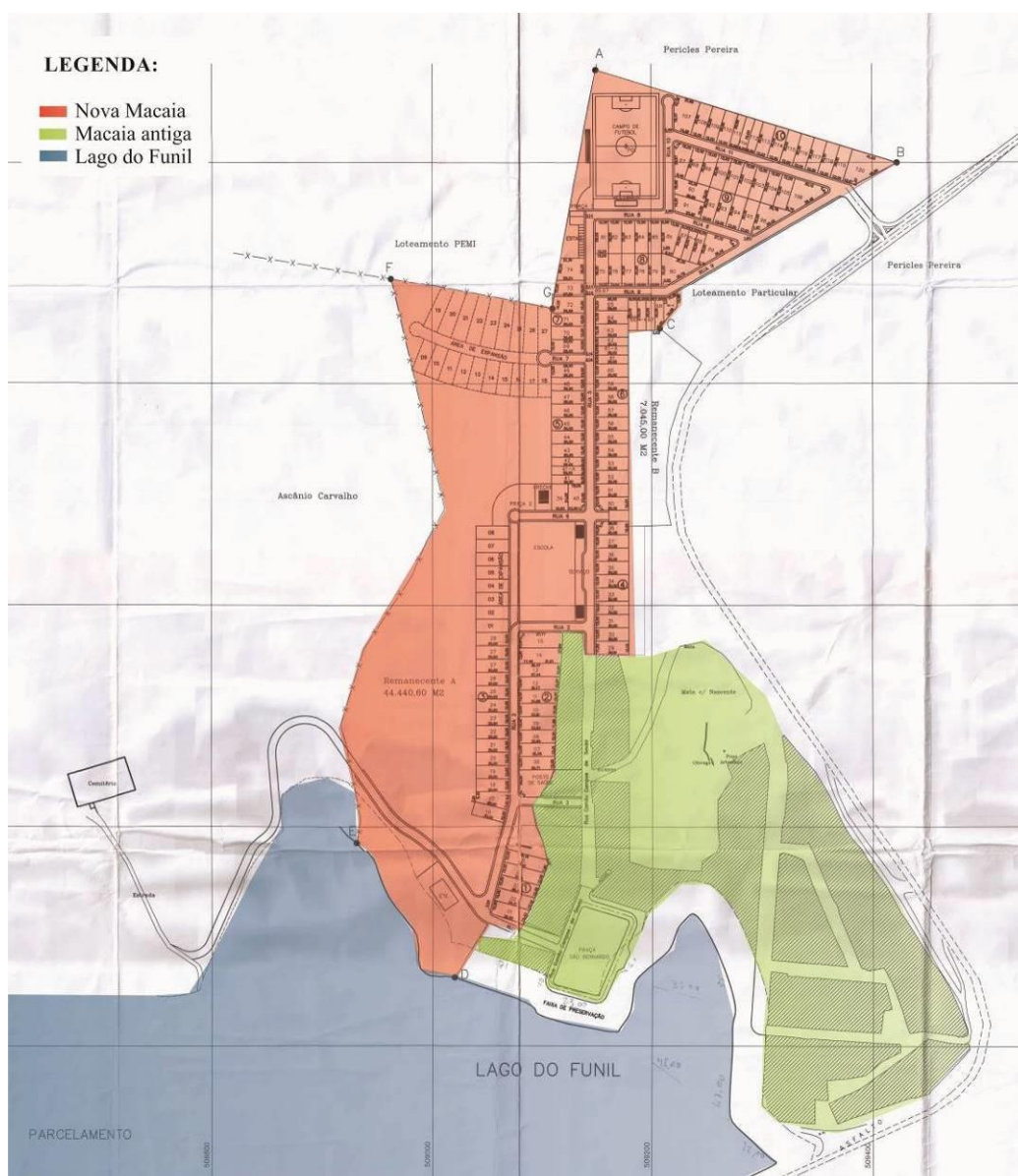
Fonte: Ana Regina Nogueira, 2002.

A Usina de Funil foi construída em um prazo de 33 meses e sua primeira unidade geradora entrou em operação comercial com 27 meses de implantação. As obras tiveram início em setembro de 2000 e foram encerradas em julho de 2003, com a entrega da terceira unidade geradora (ALIANÇA ENERGIA, 2015), sendo que as obras para a relocação da população de Macaia começaram em novembro de 2001 e foram concluídas em outubro de 2002.

A Prefeitura Municipal de Bom Sucesso aprovou o projeto do loteamento para a relocação da população com o nome de “Nova Macaia” em 2003 e o reaprovou no ano de 2010 (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2017). Segundo ALIANÇA ENERGIA (2015), em Macaia foram disponibilizados 126 lotes e infraestrutura nas novas ruas. Também foram construídos um posto de saúde e um posto policial, uma escola, uma creche, um campo de futebol, uma estação de tratamento de esgoto (ETE) e um posto para o Correio. Foram edificadas, além das obras institucionais, 45 casas permutadas com os moradores atingidos e 18 casas entregues a moradores considerados casos sociais, ou seja, moradores da antiga comunidade que moravam de aluguel e não possuíam imóveis. A orla do reservatório foi urbanizada e criada uma ponte rodoviária sobre o Rio Grande onde antes a travessia era realizada através de balsa.

Pela Figura 255 é possível visualizar o parcelamento do solo que originou a área conhecida como “Nova Macaia” e a remanescente do antigo Distrito. Percebe-se também que a natureza criada para a conformação do Lago do Funil constitui-se um novo elemento para a região.

Figura 25: Projeto de relocação do Distrito de Macaia



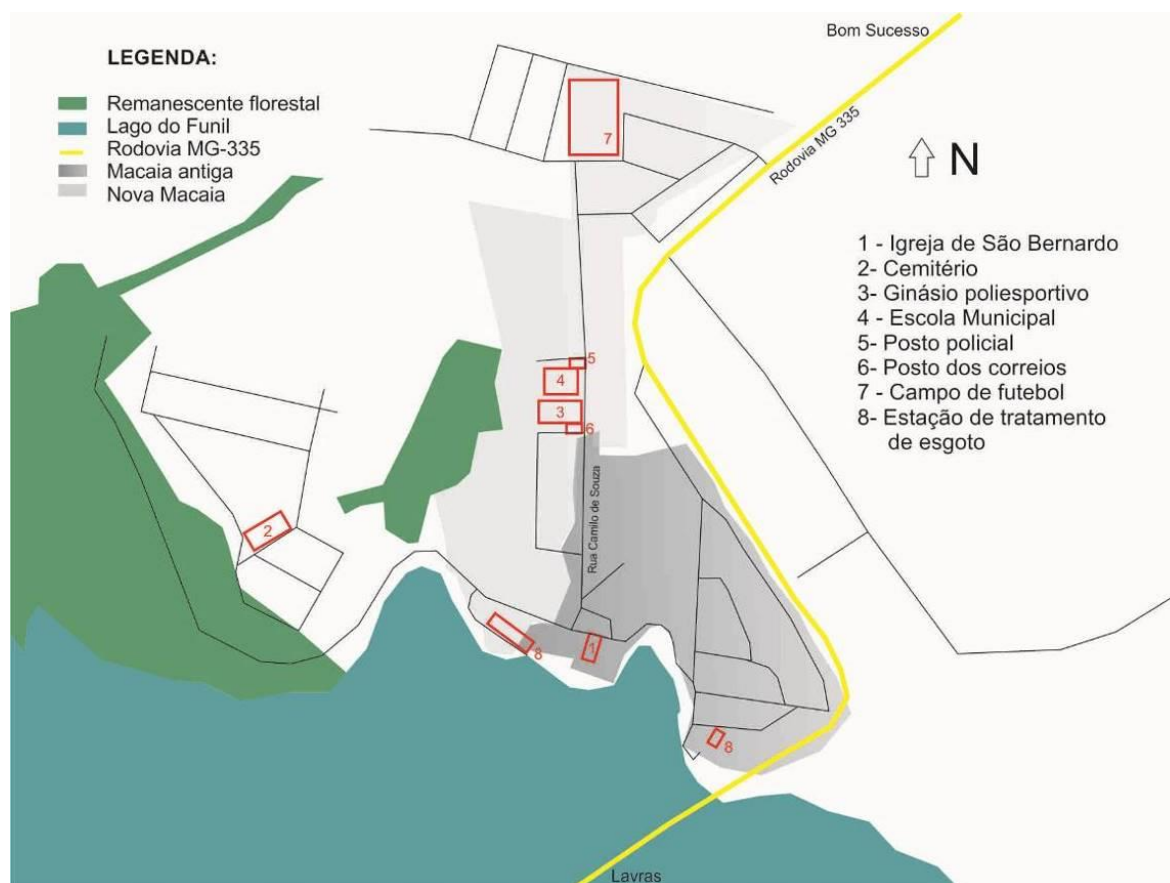
Fonte: Prefeitura Municipal de Bom Sucesso, 2017.

Desta forma, após as intervenções ocorridas para a construção do reservatório, o ambiente do lugar se alterou. Assim, a fim de se buscar a configuração espacial existente no Distrito de Macaia após a implantação da Usina do Funil foram realizadas visitas, nos meses de janeiro e junho de 2017 e janeiro de 2018, que objetivaram coletar dados sobre o aspecto físico do local.

Na ausência de uma base cartográfica atual, optou-se por elaborar uma base própria onde fosse possível esboçar o sistema viário e pontuar os equipamentos comunitários referenciais

de Macaia (Figura 26). Para tanto, utilizaram-se imagens do Programa *Google Earth* (imagens datadas de 08 de junho de 2017)² sobrepostos ao projeto de relocação do Distrito de Macaia (Figura 25) para posterior demarcação dos pontos referenciais coletados através da pesquisa de campo.

Figura 26: Esboço do sistema viário de Macaia com indicação dos pontos referenciais



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Durante a pesquisa de campo e elaboração do esboço acima identificado, verificou-se uma diferenciação no traçado urbano da área pré-existente para o espaço projetado após a relocação das edificações. Na área pré-existente, também chamada de “Macaia Antiga”, a malha orgânica das vias determina quadras heterógenas e irregulares com lotes de maiores dimensões e edificações implantadas no alinhamento da via. As edificações, predominantemente residenciais, caracterizam-se, principalmente, pela existência de um ou dois pavimentos construídos de alvenaria de tijolos e, grande parte com quintais onde se pode

² Software Google Earth Pro versão 7.3.1

notar a presença de árvores (Figuras 27 a 31). Os passeios são estreitos e a única praça existente é a ocupada pela Igreja São Bernardo.

Figura 27: Macaia Antiga- exemplo de via existente no local



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 28: Macaia antiga- exemplo de residência existente no local



Fonte: foto da autora, 2017.

Figuras 29, 30 e 31: Macaia antiga- exemplo de residência existente no local



Fonte: fotos da autora, 2017.

Na área projetada para a relocação das edificações, também conhecida como “Nova Macaia”, a malha urbana caracteriza-se pela grelha reticulada, com quadras compridas e estreitas. Os lotes são padronizados e grande parte das edificações possuem afastamentos. Neste local, as construções também se caracterizam pela existência de um ou dois pavimentos sendo que grande maioria foi projetada e construída para relocação da população atingida pelas águas da represa. Segundo informações do antigo presidente da Associação de Moradores³, as residências foram padronizadas com tipologias que variavam conforme as dimensões da propriedade anterior de cada morador. No entanto, a partir do momento de entrega das novas edificações, os moradores iniciaram obras que modificaram a padronização das fachadas (Figuras 32 e 33).

Figura 32: Nova Macaia- exemplos de residenciais existentes



Fonte: foto da autora, 2017.

³ Entrevista realizada no dia 17 de janeiro de 2018.

Figura 33: Nova Macaia- exemplos de residenciais existentes



Fonte: foto da autora, 2017.

O Distrito possui iluminação pública e domiciliar disponibilizada pela Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG; é abastecido com água captada de poço artesiano; a coleta e tratamento de esgoto sanitário são realizados pela Administração Pública de Bom Sucesso. O local possui dois pontos de tratamento de esgoto localizados no entorno imediato da lâmina d'água. Os resíduos sólidos domésticos são coletados pela Prefeitura Municipal três vezes por semana de porta em porta.

Atualmente, o Distrito possui um ponto de apoio policial desativado e deteriorado com vidros e portas danificadas (Figura 34). O posto dos Correios encontra-se sem uso. O perímetro urbano do Distrito possui uma população estimada de 900 habitantes sendo que a área ocupada pela mancha urbana mais densa possui aproximadamente 27,4ha, ou seja, 274.000m² (PREFEITURA DE BOM SUCESSO, 2015).

Figura 34: Nova Macaia: ponto de apoio policial



Fonte: foto da autora, 2017.

A Igreja de São Bernardo de Claraval não sofreu alteração com a inserção da Usina em Macaia. Em seu entorno foi criada uma praça e urbanizada a orla da represa (Figuras 35 a 39). Atualmente, este é o ponto de encontro da população que habita o local e dos turistas nos finais de semana.

Figura 35: Foto aérea da Igreja São Bernardo e seu entorno



Fonte: Diego Souza Fotografia, 2017.

Figura 36: Vista do cruzeiro da Igreja. Ponte rodoviária no segundo plano



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 37: Vista do entorno da Igreja São Bernardo Claraval



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 38: Foto aérea da Igreja São Bernardo e a represa



Fonte: Diego Souza Fotografia, 2017.

A partir da criação da represa, fragmentos de natureza foram construídos, especialmente como áreas de lazer, encontrando-se em uma zona intermediária entre o natural e o artificial, já que estes não são naturais, na formação espontânea e original, e não são inteiramente artificiais, pois existe um componente natural que é autoproduzido. Neste mesmo raciocínio se insere o lago formado pelas usinas hidrelétricas, onde o leito natural de cursos d'água é barrado para a formação do reservatório. Até este momento, não resta dúvida sobre a naturalidade dos rios, já que são frutos da própria natureza. Já para a criação da represa são necessários serviços de engenharia, ou seja, ação praticada pelo homem, portanto artificial. No entanto, é imprescindível a ação de chuvas e afloramentos de água para a manutenção do nível do reservatório. Sem este processo autoprodutivo, o reservatório secaria e o lago seria esvaziado. Da mesma forma, com aumento do volume de chuvas é necessário que as comportas permitam a vazão das águas de forma a não causar inundação a montante. Assim, há um componente natural, vinculado à manutenção da água do lago e outro componente artificial vinculado à formação e contenção de inundações a montante no reservatório da Usina.

Seguindo o pensamento de Adriana Serrão (2004), o natural pode ocorrer mesmo recebendo a intervenção humana, desde que tal intervenção não seja constante; “o homem pode alterar, manipular, mas não produzir a natureza” (SERRÃO, 2004, p. 94). Foi por esta razão que denominamos esta parte do trabalho de “Natureza recriada”, pois ocorreu nesta fase da

história de Macaia, a formação de uma nova paisagem essencialmente dominada pelo lago formado pela represa.

2.3 A natureza ressemantizada

Após a construção do lago, Macaia passou a viver um processo de construção de “condomínios fechados” nas margens da represa, ressemantizando o lugar, por meio de uma operação ideológica orquestrada pelo mercado imobiliário, que termina por produzir novos imaginários locais.

José Teixeira Coelho Netto (2002) em seu livro “A Construção do Sentido na Arquitetura” descreve como os imaginários e a ideologia podem semantizar ou dessemantizar o espaço e por consequência interferir na construção da paisagem. Neste livro, o autor relata como a *prática do espaço* e o *discurso sobre o espaço* permite interpretar como ele ganha ou perde significados, sentidos e significações e como se altera o conteúdo.

A semantização acontece através e a partir do corpo humano que vive e produz espaço, isto é, “um espaço recebe uma carga semântica qualquer” (COELHO NETTO, 2002, p. 118). A primeira atribuição semântica se faz a partir da prática do espaço que pode ser subdividida em prática *física* e *imaginária*, sendo indissolúveis e determinados a partir do corpo humano (COELHO NETTO, 2002):

(...) se o espaço mantém um relacionamento direto com o corpo do indivíduo adquirindo em consequência uma significação precisa, ele alimenta igualmente uma relação não menos direta com o imaginário desse indivíduo, através do qual esse espaço se semantiza de modo frequentemente de todo diverso (...) (COELHO NETTO, 2012, p. 118).

A prática física acontece a partir do corpo humano enquanto a prática imaginária opera ao nível do subconsciente ou do inconsciente. Assim, a primeira é facilmente reconhecida enquanto a identificação da segunda é mais complexa, principalmente quando ocorrem sobressignificações. Estas são “camadas sobre camadas de significados sobre a carga inicial” que mudam ou acrescentam a semantização do espaço (COELHO NETTO, 2002, p. 119). ”Os

espaços sobressignificantes (...) normalmente se revestem de um cunho especialmente ideológico ao adquirirem essas dotações semânticas extras através de um discurso sobre o espaço” (COELHO NETTO, 2002, p. 119).

Estes discursos possuem objetivos específicos, normalmente ligados ao capital financeiro que influenciam o comportamento prático do sujeito. Como no caso analisado, a natureza é semantizada pelo mercado imobiliário através da construção de um ideal de vida idílica pela criação de “condomínios fechados” vinculados a água represada pela Usina do Funil.

O processo de dessemantização pode ocorrer tanto ao nível da prática efetiva do espaço quanto através do discurso sobre ele. Pela prática, Coelho Netto (2002) reflete que a dessemantização pode ocorrer por impossibilidade de construção originária de qualquer razão ou pelo desaparecimento da função. Como discurso sobre o espaço, a dessemantização normalmente ocorre pela suprassemantização de outros espaços que dessemantiza os espaços iniciais. Neste sentido, o autor afirma que não há espaços ausentes de significados, ou seja, vazios. “O que se pode dizer é que elementos, eventualmente e no máximo, se poderiam declarar como dessemantizados (e ainda assim relativamente dessemantizados, isto é dessemantizados em relação a algum significado, mas não em relação a outro)” (COELHO NETTO, 2002, p. 123). Cada lugar possui um significado para alguém, não só na forma individual, mas também para grupos, assim não há lugar carente de significados, pois um espaço nunca perde completamente seu sentido. “A prática significativa do imaginário só morre com o interpretante do discurso arquitetural, o homem” (COELHO NETTO, 2002, p. 127).

Após a instalação das represas, a natureza, principalmente relacionada ao plano de água, é ressemantizada, em especial pelo mercado imobiliário, interferindo na dinâmica territorial de uso e ocupação do espaço, geralmente ocupando o seu entorno com clubes e condomínios, visando sua exploração como recurso turístico e como segunda residência, levando a incorporação de equipamentos.

Esta “nova natureza”, destacada pela lâmina d’água e formada pela criação da represa, é apropriada e ressemantizada, através de intervenções físicas, a fim de gerar lucro financeiro

para um mercado externo ao da localidade. Empresas de marketing e mídia atuam de forma a significar espaços naturais buscando ressaltar o mito edênico de forma a captar o natural da natureza no imaginário das pessoas (CARVALHO, 1998).

O mercado imobiliário busca na origem da ligação entre homem-natureza uma forma de obter lucro financeiro e constrói, no imaginário do homem que vive em grandes cidades, um desejo de ter esta “natureza” em seus momentos de descanso e lazer. Pela especulação imobiliária, o terreno ou determinadas áreas são transformados com a adoção de práticas no ambiente físico, como instalação de infraestrutura, e no imaginário coletivo com a criação de espaços destinados ao lazer e turismo.

Estes espaços são comercializados como “pedaços de natureza” atingindo uma população carente deste “contato”. Normalmente, este ambiente produzido é destinado a cidadãos das médias e grandes cidades, onde o espaço está associado às dimensões físicas e ao valor monetário. A ideia transmitida a estes centros urbanos é de buscar em pequenos povoados, como o Distrito de Macaia, um espaço de lazer e turismo através de uma maior dimensão nos terrenos, por preços menores que os praticados nas cidades de origens, e com acesso a “natureza”, ou seja, ótimo negócio para quem possui condições financeiras e tempo disponível (CARLOS, 2015).

Neste contexto, o plano de água, formado pelo represamento dos rios, possui um papel de extrema importância na construção do imaginário. Além de ser um recurso natural fundamental para a vida, a presença da água, naturalmente, altera a forma de se relacionar com o espaço, facilitando a mudança na ocupação e uso do solo e no turismo associado ao corpo d’água.

Ao analisar o papel da água na construção das paisagens alteradas por represas, Antunes e Coutinho (2017) relatam que

os planos de água gerados (...) desempenham diversas funções nas regiões onde se inserem, pois além da aptidão para atividades ligadas ao usufruto do espaço numa perspectiva de lazer e recreio geram potencialidades de

alterações nos usos do solo, com inerentes reflexos na paisagem (ANTUNES, 2017, p. 218).

(..) a água constitui um elemento novo, acrescentado pela ação do Homem, em que as paisagens resultam de transformações no território relativamente recentes, **constituindo a água uma nova marca para a região** (ANTUNES, 2017, p. 223) (grifo nosso).

Assim, a inserção de parcelamentos do solo na forma de “condomínio fechado” que utilizam a água como elemento que agrega valor é ligada ao imaginário de local de descanso e lazer conformando um destino atrativo para a população que possuem condições financeiras e tempo de usufruir desta natureza produzida. Em cidades pequenas, que não constituem polos econômicos, estes empreendimentos imobiliários muitas vezes são planejados para serem utilizados como segunda residência.

Fundamentada na ideia do lazer e do turismo, a segunda residência está relacionada ao processo de expansão capitalista. O fenômeno da segunda residência tem implicações espaciais que interferem na produção e consumo do espaço geográfico. A segunda habitação, vista a luz da prática do lazer, do uso do tempo livre e do turismo, implica em interesses, articulações e conflitos no espaço urbano (CORREA, 2016, p. 297).

O conceito de segunda residência ou residência secundária é muito discutido pela existência de diversos vocábulos - casa de temporada, de campo, chalé, rancho, sítio, entre outros - para definir este meio de hospedagem extra-hoteleiro (TULK, 2001).

Não se pretende, neste trabalho, esgotar uma busca conceitual para o termo “segunda residência”, mas busca-se entender o processo de sua formação e como esta prática se insere no Distrito de Macaia. A definição conceitual que mais se aproxima dos objetivos traçados no presente estudo foi descrita por Olga Tulk (2001, p.9) como “um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que tem domicílio permanente em outro lugar”.

Como alojamento turístico, a segunda residência se diferencia do turismo pelo vínculo que se estabelece com o lugar. Bessa (2014) afirma que:

No turismo, as relações são sempre provisórias, temporárias, fugazes e tem sempre a regê-las um interesse comercial. Por mais que exista um encantamento, identificação, o turista não cria relações afetivas permanentes e gratuitas, se isso vier a ocorrer ele deixa a condição de turista. O turista não participa continuamente do cotidiano do lugar (o lugar pede continuidade) e suas relações são sempre provisórias e de fora, como espectador (BESSA, 2014, p.28).

Já, a segunda residência estabelece uma conexão com o lugar pelo resultado da frequência de utilização, seja férias, fim de semana ou feriados. Em muitos casos, se realiza a partir de elos pré-estabelecidos com o espaço ou com as pessoas que ali residem ou tem uma segunda moradia (CRUZ, 2007). Nesta relação estável e duradoura, em muitos casos, cria-se o sentimento de pertencimento, estabelecendo-se “uma influência afetiva, política, econômica e cultural dos praticantes da segunda residência com o contexto local” (CORREA, 2016, p.302). Correa diferencia a segunda residência do turismo como

(...) este tipo de lazer (de veraneio, férias ou fim de semana) não busca o novo e o diferente, elementos consagrados da atividade de turismo. Muito pelo contrário, este tipo de prática social privilegia a repetição periódica, o reencontro, o estabelecimento e manutenção de relações sociais com grupos exclusivos do habitat da segunda residência (CORREA, 2016, p. 304).

Em relação ao termo “particular” verifica-se o sentido de propriedade do imóvel, onde é possível perceber o caráter econômico agregado ao conceito. Estes imóveis são bens de consumo destinados a uma população com alto poder aquisitivo, seja para efetuar a compra como também para a manutenção, sendo ofertados como signos de *status* social com valor de uso e troca e possibilidade de investimento (CORREA, 2016).

A especificação na conceituação de “utilização temporária” contrapõe-se a ideia de residência permanente ou principal, significando que o ocupante deve habitar outro domicílio, diferente do secundário e utilizando esse de forma temporária. A utilização nos tempos livres seja férias, fim de semana ou feriados e seu uso está associado ao lazer e recreação. Tulk (2001,

p.9) relata que “ninguém reside, permanentemente, em residência secundária, mas ocupa esse espaço por períodos mais ou menos prolongados em função do tempo livre, da disponibilidade financeira e da distância do domicílio principal”.

Estes três elementos auxiliam a significação da segunda residência: a relação com o caráter econômico; a temporalidade do uso; e a finalidade de uso no tempo livre, indicando o perfil social dos frequentadores deste imóvel: classes sociais médias e altas, de forma geral (CORREA, 2016).

Este fenômeno vem agregado uma infraestrutura completa a ser pouco utilizada, apenas em fins de semana e férias, resultando na produção de espaços pouco habitados (CRUZ, 2007).

Correa (2016) também relata que o conceito de segunda residência está associado a duas perspectivas: a primeira faz uma ligação entre o turismo e o lazer buscando as motivações e origens dos deslocamentos, os pontos turísticos e as transformações sociais e espaciais resultantes desta prática; a segunda relaciona o conceito ao processo de produção e consumo do espaço urbano.

No caso do Distrito de Macaia, o fator localização e os componentes formados pela Usina Hidrelétrica foram fundamentais para esta nova produção do espaço. A localização do Distrito no contexto do Estado de Minas Gerais, estando a uma distância de aproximadamente 220 km (duzentos e vinte quilômetros) da capital mineira (percurso efetuado em duas horas e trinta minutos de carro) e 30 km (trinta quilômetros) do polo econômico regional (município de Lavras) aliado a intervenções no território executadas pela Usina do Funil, como a ligação pela Rodovia MG-335, onde antes não existia ponte atravessando o Rio Grande, auxiliou a ocorrência deste fenômeno em seu contexto.

Além da distância de maiores centros urbanos, Tulk (2001, p. 10) descreve outros fatores que influenciam a localização das residências secundárias: “disponibilidade financeira, possibilidade de espaços desocupados, propriedade e uso do solo, proximidade do domicílio principal, presença e qualidade das vias de acesso, motivações diversas e atrativos nas áreas de destino”.

No caso analisado, observam-se todos estes fatores influenciando a produção de parcelamentos do solo destinados as segundas residências com a tipologia “condomínio fechado” onde se vende a ideia de lazer relacionado à natureza, com o foco voltado para a água da represa, como se pode ver no anúncio publicitário de um dos empreendimentos no entorno do lago de Macaia ilustrado na Figura 39. É sintomática a presença no anúncio das expressões “beleza”, “paraíso” e “família”, associados à água, sol, vento e uma bela mulher, ou seja, elementos naturais já presentes no imaginário social como indicadores de uma vida confortável, bem sucedida e tranquila, que se acrescenta pela peça publicitária à carga semântica do empreendimento que será comercializado.

Figura 39: Propaganda do "Condomínio Riviera"

APROVEITE TODA A BELEZA QUE ESTE PARAÍSO PODE PROPORCIONAR A VOCÊ E SUA FAMÍLIA!

• Marina • Heliponto • Quadra de tênis • Quadra poliesportiva
• Quadra de areia • Playground • Deck para estacionamento de embarcações
• Ruas asfaltadas • Portaria com controle de acesso • Espaço gourmet

25 MINUTOS DE LAVRAS
POUCO MAIS DE 200 KM DE BELO HORIZONTE

EXPERIMENTE VIVER MOMENTOS DE PRAZER E TRANQUILIDADE JUNTO À NATUREZA!

LOTES A PARTIR DE **1000** M²

LOCALIZADO ÀS MARGENS DO LAGO DO FUNIL

ESPELHO D'ÁGUA COM 34 KM² DE EXTENSÃO E 72 KM NAVEGÁVEIS

CONDIÇÕES IDEIAIS PARA ESPORTES NÁUTICOS E PESCA

RIVIERA
DO LAGO

QUALIDADE DE VIDA QUE FAZ SENTIDO

VENDAS: **35 9 9859 3537**

Fonte: Folder de vendas do “Condomínio RIVIERA NÁUTICO”, sem data definida.

Este fenômeno espacial iniciou-se após a construção da represa, no Distrito de Macaia e em outros que ocupam a orla da lâmina d’água. Nestes 15 anos de existência da represa, ainda

não houve tempo para uma mudança profunda da estrutura sócio-espacial da localidade. No entanto, cabe observar que este imaginário de local de descanso e lazer seleciona e exclui a parte da população que não tem condições financeiras de arcar com os custos de aquisição e manutenção de uma segunda residência e para aqueles que não possuem tempo livre para usufruir deste fenômeno.

A criação da represa submergiu grande parte do território rural, fragmentando diversas fazendas que tiveram suas atividades suspensas e encontraram na venda dos terrenos para o mercado imobiliário uma forma de geração de lucro.

Até o ano de 2017, a Prefeitura Municipal de Bom Sucesso havia aprovado a construção de 7 (sete) “condomínios fechados”: “Condomínio Vivert Santuário Náutico”; “Condomínio Vivert Santuário Náutico II”; “Bairro Bela Vista do Macaia”; “Bairro Vista Alegre”; “Condomínio Náutico Riviera do Lago”; “Condomínio Náutico Riviera do Lago II”; “Condomínio Náutico Belas Águas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2017). Estes parcelamentos estão sendo implantados na orla da represa com a abertura de vias de circulação pavimentadas, com a existência de drenagem pluvial, iluminação elétrica pública e domiciliar e sistema de esgoto sanitário que em alguns empreendimentos está ligado a estação de tratamento construída pelo empreendedor. Possuem áreas de lazer atrativas que transmitem a ideia de local para descanso com ambientes apropriados para a prática de esportes. Observa-se que os próprios nomes dos empreendimentos acrescem à carga semântica da “natureza” recriada pelo lago, qualidades ligadas a lugares sofisticados e exclusivos, com termos como “bela vista”, “náutico”, “santuário”, “riviera” e “belas águas”.

A composição dos empreendimentos apresenta-se sob a forma de um conjunto de casas providas de ampla infraestrutura de lazer e, em alguns casos presença de locais de comércio e serviços. Como exemplo, segue a infraestrutura relatada nas propagandas do “Condomínio Náutico Riviera do Lago” e “Condomínio Vivert Santuário Náutico”:

O “Condomínio Náutico Riviera do Lago” apresenta a descrição de portaria com controle de acesso; deck para estacionamento de embarcações; quadras de tênis, poliesportiva e de areia; espaço gourmet; ruas asfaltadas; playground e heliponto (RIVIERA NÁUTICO, 2016). O

marketing para a venda dos lotes apresentam imagens de ambientes sofisticados, luxuosos e extremamente confortáveis que utilizam elementos da natureza como forma de atração visual (Figuras 40 a 42).

Figura 40: Parcelamento “Condomínio Náutico Riviera do Lago”



Fonte: RIVIERA NÁUTICO, 2016.

Figura 41: Portaria do parcelamento “Condomínio Náutico Riviera do Lago”



Fonte: RIVIERA NÁUTICO, 2016.

Figura 42: Área de uso comum do “Condomínio Náutico Riviera do Lago”



Fonte: RIVIERA NÁUTICO, 2016.

O “Condomínio Vivert Santuário Náutico” é apresentado com as seguintes características: alto padrão; em frente à represa do Funil; compromisso com a sustentabilidade por possuir 560mil m² de mata preservada; acessos pavimentados com portaria 24 horas; marina para lanchas e *jets skis*; lagoa interna com 25 mil metros quadrados de espelho d’água; 4 km de orla com parque linear; heliponto; prainha e área de descanso; clube com mais de 15 itens de

lazer; complexo de águas com piscina coberta e aquecida; centro hípico com 55 mil metros quadrados; restaurante e *lounge bar*; loja de conveniência de *home offices*. Também mostra que as distâncias de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, para o transporte de carros e helicóptero (YOUNG ARQUITETURA, 2015). Assim como o “Condomínio Náutico Riviera do Lago” as imagens utilizadas para a divulgação do empreendimento seduzem pela exuberância da natureza proposta para o lugar (Figuras 43 a 45).

Figura 43: Portaria do “Condomínio Vivert Santuário Náutico”



Fonte: YOUNG ARQUITETURA, 2015.

Figura 44: Áreas comuns do parcelamento “Condomínio Vivert Santuário Náutico”



Fonte: YOUNG ARQUITETURA, 2015.

Figura 45: Áreas comuns do parcelamento “Condomínio Vivert Santuário Náutico”



Fonte: YOUNG ARQUITETURA, 2015.

Estes parcelamentos encontram-se em uma região distante do núcleo urbano de maior densidade, com acesso por via sem pavimentação, onde antes predominava o uso por fazendas. O governo municipal, como uma forma de legalizar a atividade, decretou como

zona urbana toda a região abrangida pelo Distrito (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO, 2017).

As consequências desta forma de planejar o território é a produção de um espaço segregado com indivíduos e grupos de uma mesma posição social, padrão cultural e hábitos de vida semelhante em oposição a um ambiente já consolidado com um nível econômico inferior ao praticado nos “condomínios”.

Na contramão destes locais destinados a um público com alto poder aquisitivo, percebe-se a atração de um turismo relacionado à presença da água na área central do Distrito, principalmente no entorno da Igreja de São Bernardo do Claraval, marcado pela sazonalidade dos períodos de verão e fins de semana. O Distrito ainda não se preparou fisicamente para esta demanda com a construção de restaurantes, bares, comércio e hospedagem, assim os turistas utilizam a orla da represa para banho com a construção de churrasqueiras improvisadas e temporárias associado ao uso de bebidas alcoólicas.

Em ambientes onde houve uma profunda modificação do espaço, como no caso de Macaia, a inserção de um plano de água, naturalmente, altera a forma de se relacionar com o espaço, facilitando a mudança na ocupação e uso do solo e no turismo associado ao corpo hídrico. Aliado a esta transformação espontânea, novos processos, realizados pelo aspecto imaginário organizado pela ideologia, reconstróem a forma do homem reconhecer e selecionar os elementos da natureza.

Mecanismos controladores, principalmente relacionados ao capital financeiro, influenciam as referencias prévias da ligação homem-natureza para induzir uma nova forma de produção do espaço. No Distrito de Macaia, o plano de água é explorado como recurso turístico vinculado aos momentos de lazer e descanso para uma população com médio e alto poder aquisitivo gerando espaços vinculados, prioritariamente, a segunda residência.

No entanto, percebe-se que os parcelamentos do solo voltados a este meio de hospedagem extra-hoteleiro vem se constituindo como produto imobiliário, com grande poder comercial e altamente valorizado, sendo destinada a uma população externa a existente no Distrito. Desta

forma, a natureza de Macaia é inserida no imaginário do homem daquela região como um lugar de lazer, descanso e prática de esportes para quem possui tempo disponível e condições financeiras para a aquisição e manutenção de uma segunda moradia.

Esta modificação no imaginário provoca alterações na paisagem, já que age profundamente nas duas pontas que constituem a sua trajetiva: de um lado na forma do homem percebê-la e de outro inserindo novos padrões morfológicos que se implantam sobre os sítios. É disto que trataremos no Capítulo seguinte, dando fala ao agente daquelas paisagens, o morador local.



3 AS PAISAGENS NARRATIVAS

Após uma noção da evolução histórica do Distrito de Macaia baseada na ideia de uma natureza sempre explorada e reestruturada por meio de uma transformação urbana imposta pela implantação da Usina do Funil, cabe compreender o caráter ativo dos indivíduos frente a esta natureza expressa por meio da paisagem.

Primeiramente é importante ressaltar que a paisagem não está determinada apenas pelos aspectos físicos do território, “não se limita aos dados visuais do mundo que nos cerca. Ela é sempre especificada pela subjetividade do observador; subjetividade que é mais do que apenas um ponto de vista ótico”, ou seja, para a sua compreensão não basta apenas a natureza, mas também é necessário o olhar humano (BERQUE, 1994 p. 5).

O ato do “olhar” não relacionado ao ato de “ver” (colher informações visuais), mas da percepção e do sentir a natureza. Para Pesavento (2004),

a paisagem é uma construção da natureza pelo olhar (...).O camponês não vê paisagem, vê a natureza, como meio no qual vive. É preciso que exista um recuo e um estranhamento, para que a natureza, reapropriada pelo olhar daquele que a contempla, se transforme em paisagem (PESAVENTO, 2004, p. 2).

Simmel (2009) reafirma o olhar como a ação subjetiva do homem na natureza para que seja constituída a paisagem:

a natureza, que no seu ser e no seu sentido profundo nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de paisagem (SIMMEL, 2009, p. 7).

Uma das formas de captar esta trajetiva entre o homem e a natureza é a utilização das narrativas; momento em que são apresentadas as percepções individuais e coletivas que revelam significados e valores atribuídos a cada tempo e lugar.

Em um contexto de conversa informal, histórias são relatadas de forma a permitir a compreensão dos elementos, processos e formas da paisagem. A sequência de histórias e a configuração da experiência de um lugar através da narrativa mostram os processos naturais e culturais possibilitando o conhecimento de questões fundamentais como a identidade social, a história e a natureza do lugar (POTTEIGER E PURINTON, 1998).

Potteiger e Purinton (1998) esclarecem que a construção da narrativa da paisagem **refere-se tanto a uma história que é contada, quanto à forma como é contada**. O ato de narrar uma paisagem está inserido em um processo de acesso à memória individual que pode ser reunida para a criação de identidades coletivas. Essas memórias são capazes de “cortar caminhos e redes através do tempo”, construindo a paisagem a partir de lembranças apoiadas na associação com eventos ou práticas comemorativas (POTTEIGER E PURINTON, 1998 p. 58 - tradução nossa). Adicionalmente, afirmam que as narrativas podem ser entendidas não

apenas como sendo literalmente descritivas de uma realidade fática ou fictícia, mas também pelo papel dos leitores na produção de um significado. Assim, as paisagens vão sendo descritas na forma que são concebidas na memória de cada narrador e cabe ao interlocutor a análise destes significados sobrepostos pelos fatos e ficções.

Estes autores também relatam que a relação entre a paisagem e a narrativa acontece pela experiência vivida. Para eles, “lugares configuram narrativas”, e que

A paisagem não apenas localiza ou serve de pano de fundo para histórias, mas ela própria é uma figura e processo plena de movimentos e mutante, que engendra as histórias (...). As narrativas da paisagem envolvem mais do que o encontro com o olhar. Como síntese proteica de tempo e espaço, experiência e lugar, o fictício e o real, eles cruzam fronteiras de expressões e formas de representação (POTTEIGER E PURINTON, 1998 p. 5, 6 e 10, tradução nossa).

Neste sentido, os autores classificam a forma de narrar uma paisagem em diferentes tipos onde cada um ou a associação entre mais de um são capazes de acessar e organizar a memória para a composição de uma narrativa.

Como tipos de paisagens narrativas, os autores descrevem as “experiências narrativas”, “associações e referência”, “paisagens de memória”, “narrativa e topos”, “processos”, “paisagens interpretativas”, “narrativas como formas de geração” e “paisagens narrativas” (POTTEIGER E PURINTON, 1998 p. 10, tradução nossa). Pelas descrições das narrativas que serão apresentadas posteriormente é possível perceber estas tipologias presentes nas formas de se narrar a paisagem do local.

A “experiência narrativa”, nas composições realizadas em Macaia, é a tipologia de maior presença por seus significados e valores na vida das pessoas, tanto no nível individual quanto social. Esta tipologia é caracterizada por rotinas, rituais ou eventos que selecionam e organizam a experiência do lugar em sequências temporais. Podem ser exemplificadas por meio das narrações dos festivais, procissões, reencenações, peregrinações e jornadas diárias, como a antiga rota da Igreja de São Bernardo até a balsa que atravessava o Rio Grande envolvendo uma sequência de espaços contidos na rotina do lugar, antes de sua alteração

urbana provocada pela Usina. A Figura 46 apresenta a dimensão física de um destes espaços aqui caracterizado por uma rua em meio a seus elementos naturais e construídos. A intenção em aplicar efeitos artísticos nas imagens objetiva ressaltar a realidade trajetiva da paisagem, em que a percepção do sujeito é influenciada por diversos elementos, dentre eles o tempo e os imaginários que a sociedade impõe.

É importante observar que um conjunto de registros fotográficos de vários tempos (às vezes não definidos) realizados ao longo do trabalho de campo e de acervos de moradores de Macaia, constrói, junto com as narrativas, a intensidade da paisagem daquele lugar.

Figura 46: "Rua da Balsa" via de acesso ao ponto de travessia do Rio Grande



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida. Efeito de granulação elaborado pela autora.

A segunda tipologia descrita por Potteiger e Purinton (1998) caracteriza-se por “associações e referências”, usadas como elementos na paisagem que se conectam com a experiência, história, alegoria religiosa ou outras formas de narrativas. A natureza, muitas vezes, é utilizada como um marcador de tempo e origem ocupando um lugar e um valor importante na forma como o narrador relata e explica sua experiência paisagística. Um exemplo muito

presente nas narrativas de Macaia, a ser visto posteriormente, é o espaço delimitado por uma árvore específica existente no entorno da Igreja que se conforma como um ponto de referência na memória dos habitantes de Macaia.

Nas “paisagens de memória”, lugares servem como *Locus* tangível, tanto público como privados (POTTEIGER E PURINTON, 1998). Muitas vezes são organizados em complexos espaciais através da construção mental projetada para o discurso, adquirindo um significado de lugar vivido a partir dos sentimentos individuais e de um grupo associados às experiências e ao aspecto imaginário. Um exemplo desta tipologia no contexto de Macaia é a inauguração da Santa Casa que se conformou como um “palácio de memória” pela construção mental de um momento vivenciado. Pela Figura 47 é possível perceber inúmeras pessoas celebrando este ato simbólico que determina o ponto de partida e o começo oficial de um lugar, que posteriormente ficará registrado na memória coletiva do Distrito.

Figura 47: Inauguração da Santa Casa de Macaia



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida. Efeito de pincel elaborado pela autora.

A tipologia “definição narrativa e topos” se baseia na circunstância espacial e temporal que pode retroceder ao fundo ou figura proeminente. Este tipo está associado a eventos específicos, que são evocados repetidamente nas narrativas de uma cultura, normalmente relacionados a um retorno a origem e a um lugar em harmonia com a natureza (POTTEIGER E PURINTON, 1998).

Os “processos” envolvem ações ou eventos que são causados por algum agente (vento, água, economia) e ocorre em sucessão ou procedem em direção a algum fim (progresso, entropia). São formas de ação da natureza e do homem através de registros visíveis de mudança que inscreve tempo em forma de paisagem como as intervenções na infraestrutura urbana e a sazonalidade dos rios. Os períodos de cheias no Rio Grande, muitas vezes, provocavam o alagamento de residências, pastagens e vias de circulação sendo exemplificado como um processo que influenciava a forma de se relacionar com o meio naquele momento. Pela Figura 48 é possível perceber edificações alagadas pelas águas do Rio e uma pequena embarcação transportando pessoas.

Figura 48: Inundações das ruas provocada pela cheia do Rio Grande



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

Para as “paisagens interpretativas” elementos e programas contam o que aconteceu em um lugar, buscando narrativas existentes ou em curso. Nesta tipologia, a responsabilidade do interlocutor é mais significativa que nas demais formas de narração, pois são colocados textos nas paisagens e elementos que adquirem uma forma.

As “narrativas como formas de geração” usam histórias como um meio de dar ordem ou desenvolvem imagens no processo de construção. A forma como são contados os eventos, como as festas das crianças, procissões de semana santa e congado revelam a maneira de agir de uma comunidade e o espaço onde está inserida. Em Macaia, como pode ser visto nas Figuras 49 e 50, a população se reunia para a ornamentação das ruas para as festividades e confecção dos alimentos em suas próprias moradias. O desenrolar da narrativa destes momentos apresenta a paisagem vivenciada por aquelas pessoas.

Figura 49: Ornamentação da rua para a festa das crianças



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

Figura 50: "Folia de Reis" no contexto da rua



Fonte: Nonô Gonçalves, 2002. Efeito de granulação elaborado pela autora.

Por fim, as “paisagens narrativas” são lugares projetados para contar histórias específicas com referências explícitas ao enredo, cenas, eventos ou caráter, onde as histórias também podem ser literárias, narrativas culturais ou produzidas pelo projetista (POTTEIGER E PURINTON, 1998). Os jardins, memoriais e paisagens temáticas são exemplos de espaços projetados para dizer histórias específicas. Um forte exemplo desta tipologia percebida em Macaia é a apropriação e ressemantização da natureza objetivando formar uma nova morfologia paisagística que atenda aos interesses do mercado imobiliário.

A partir do conhecimento destas tipologias, este estudo buscou por meio das narrativas uma maneira de alcançar o aspecto imaterial das paisagens dando voz aos agentes daquele espaço. Para tanto, uma ou mais tipologias descritas por Potteiger e Purinton (1998) são sobrepostas na confecção da fala dos envolvidos.

Ao se deparar com as narrativas é importante compreender que cada sujeito, de acordo com a sua trajetória de vida, consciência e experiência, percebe a natureza de forma diferente e única. Esta relação é ao mesmo tempo social e individual, pois estão envolvidos tanto

significados socialmente compartilhados quanto sentidos que remetem à singularidade do homem.

Arnold Berleant (1997) se refere à experiência subjetiva sempre associada a uma experiência social, onde o sujeito está mergulhado no imaginário que a sociedade lhe impõe.

Formas sociais e padrões culturais dão-nos, através de mitos, teorias ou outras explicações, os meios para ordenarmos e compreendermos os diversos momentos em que estamos envolvidos. Daí que ao experienciarmos esteticamente o ambiente estejamos comprometidos numa atividade social e não apenas pessoal, e frequentemente numa ocasião pública (BERLEANT, 2013, p. 383).

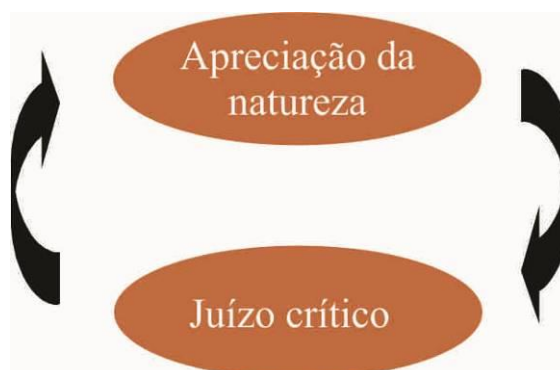
O homem possui uma história de vida que o acompanha e o modifica através de seus aspectos herdados, aprendidos e adquiridos. As atitudes individuais são realizadas em razão de seus interesses e da bagagem, social, cultural e histórica, que carrega enquanto indivíduo que faz parte de uma sociedade. Este conjunto de conhecimentos prévios, crenças e atitudes permitem estruturar e interpretar a natureza formando o juízo crítico. Assim, a história individual associada a social fornece um conjunto de conhecimentos que selecionam e modelam a experiência estética.

Simultaneamente, o corpo, com todos os seus sentidos, está imerso na construção estética. O homem, enquanto ser da natureza, participa não apenas de forma contemplativa, mas também ativamente do processo (BERLEANT, 1997). A experiência estética advém dos sentidos do homem frente ao natural pela experiência sensorial e perceptiva (SERRÃO, 2005). O sujeito enquanto corpo é tocado pelo meio alterando os sentidos e interferindo no comprometimento físico e na sua percepção de mundo. Esta é a forma em que ocorre o comprometimento ativo na paisagem, o corpo não apenas observa o mundo de modo contemplativo, mas participa ativamente com todos os sentidos corpóreos, e não apenas pelo ato de “ver”. Assim, os sons, os cheiros, o sentir o vento e o sol, entre outras formas de percepção da natureza atuam no processo de experienciar, corporizando as características específicas do lugar e enfatizando a presença humana como agente ativo da paisagem. Esta forma de apreciação está imbuída da

experiência sensitiva sendo “um comprometimento ativo na paisagem e não simplesmente um prazer visual passivo de uma vista panorâmica” (BERLEANT, 2013, p. 390).

Na contemporaneidade, a experiência estética deixou de estar associada a uma simples contemplação do belo, passando a estar relacionada à apreciação da natureza associada e, em constante movimento, ao juízo crítico, como representado na Figura 51. Assim, “a estética da visualidade é substituída pela estética da envolvimento própria de um ser concreto participante do mundo” e que possui uma bagagem de conhecimentos prévios que permitem uma experiência estética multi-sensitiva (BERLEANT, 2013, p. 281).

Figura 51: Esquema apresentando as relações na experiência estética



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ao associar natureza à experiência estética, vem à tona a necessidade de uma apreciação crítica e consciente, demonstrando os sentidos e significados da relação do homem com o natural e com a lembrança que somos parte de um todo maior, para que, conseqüentemente, haja um compromisso consciente com ela.

Esta é a atitude estética que o homem deve realizar frente à natureza para a formação da paisagem. Para Serrão (2004, p. 95) “a paisagem é a natureza estética enquanto modo de relação”, ainda “a natureza estética é sempre a natureza esteticamente percebida” (SERRÃO, 2004, p. 96). “Paisagem é natureza que se torna esteticamente presente no olhar de um contemplador” (RITTER, 2013, p.105). “A paisagem é um lugar do mundo onde a natureza se torna objeto de uma experiência estética integral” (SERRÃO, 2014, p.22), ainda “a paisagem não é a natureza (em si) nem o humano (para si), mas o ponto de encontro de homem e natureza” (SERRÃO, 2014, p.26). Assim, para se constituir uma paisagem é

necessário o elemento natural da natureza e a atitude estética do ser humano enquanto componente desta natureza.

A estética da natureza é parte integrante de uma ética geral da felicidade ou da vida boa. (...) A estética da natureza entra assim duplamente na esfera ética. Considerada a ética como relação a si, a experiência da liberdade contemplativa deve reger a vida individual no seu movimento em direção a felicidade pessoal. Considera a ética na perspectiva do outro, indica o comportamento justo, o respeito em relação à natureza, incluindo o dever de proteção e defesa dos seus seres, concretamente considerados, como os animais (SERRÃO, 2004, p.100).

A atitude estética do homem frente à natureza será aqui apresentada por meio das narrativas das paisagens realizadas por diversos moradores do Distrito de Macaia, de “condomínios fechados”, funcionários da Prefeitura Municipal e do Poder Legislativo, corretores imobiliários e residentes da sede do município, Bom Sucesso. As narrativas foram delimitadas por meio de um questionário pré-estruturado (Apêndice A), aplicado no mês de janeiro de 2018, como forma de circunscrever as falas evitando associações ou referências que estão além das intenções deste trabalho. Por se tratar de um contexto de conversa informal, foram extraídos os aspectos importantes para a compreensão daquelas paisagens que, em muitos casos, foram auxiliadas pela visualização de fotografias que os próprios narradores apresentaram no momento das entrevistas. A ideia de natureza é apresentada na grande maioria das narrativas a partir da descrição dos seus elementos componentes e dos aspectos afetivos que a ligam à população.

Macaia de antes era muito diferente de Macaia de hoje. Macaia era feia, as ruas possuíam muitos buracos e a gente vivia sujo de poeira, mas era muito bom morar aqui, porque o povo era unido (...). Macaia era nossa, a gente era mais feliz, hoje em dia não se sabe quem é quem, antes o pessoal era amigo (...) Antigamente, os lotes eram grandes e tinha porco e galinha nos quintais. A maioria das pessoas tinha fogão à lenha com forno. Aqui tinha poucos mercados, então todo mundo fazia sua merenda e aproveitava para assar no forno. Na época do frio a gente ficava sentado em volta do fogão proseando. Na rua tinha muita árvore de frutas e plantas. Mesmo sendo de terra, era tudo

limpinho, todo mundo se ajudava. Cada pessoa varria sua porta e os homens tiravam os lixos para não ter perigo das crianças se cortarem (Entrevistado 1⁴).

Antes não tinha asfalto, as ruas eram de terra, de buraco e muita poeira. Todo mundo morava perto, a gente abria a porta e já via todos. Depois da lida, ficávamos na porta das casas batendo papo até tarde. Era muito bom este tempo! Era cheio de planta, árvore e fruta! As crianças brincavam na rua, jogavam bola, porque não existia este número de carros que tem hoje e nem esta violência! Era muito tranquilo! (Entrevistado 2)

A Figura 52 apresenta as características físicas da maioria das ruas de Macaia com ausência de pavimentação que refletia na poeira descrita pelos entrevistados. A ausência de sistema de drenagem pluvial trazia a água para o contexto da rua ocasionando os “buracos” que juntamente com a carência de pavimentação traziam transtornos para a população. É possível que a horizontalidade das residências e a implantação no alinhamento da via favorecesse o contato com os transeuntes auxiliando as redes de vizinhança formadas em Macaia.

⁴ As entrevistas ocorreram nos dias 10 a 12 de janeiro de 2018 e foram aqui transcritas conforme foram narradas. O Apêndice B – Entrevistas apresenta um quadro com a caracterização dos entrevistados.

Figura 52: Rua do Cartório: exemplo da caracterização das ruas de Macaia



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

A relação com a natureza e com a própria comunidade é específica daquele tempo, daquele lugar e daquelas pessoas. A vida pública era descrita no contexto da rua, como uma expansão da vida privada existente no interior das residências. Neste ambiente eram construídas redes de vizinhança reafirmadas pelos laços afetivos entre os componentes da sociedade e do espaço vivido.

O Distrito de Macaia cresceu paulatinamente originando uma malha urbana irregular com a presença de lotes de grandes dimensões com quintais que permitiam a criação de animais domésticos e espécies cultivadas para uso culinário e medicinal juntamente com árvores frutíferas. Esta forma de ocupação dos lotes não possuía um traçado rígido prevalecendo o sentido humano para a composição dos espaços. Assim, Macaia percorreu o curso do tempo com baixa densidade de construções e grandes dimensões de jardins implantados de forma descontínua entre lotes vizinhos.

Estes fragmentos de natureza construídos percorriam todo o sítio urbano, sendo incorporados a vida cotidiana do morador de Macaia. O contato com a natureza, principalmente realizado

por meio da utilidade doméstica, estava relacionado aos costumes e hábitos do núcleo familiar. Também se denota uma significação afetiva associada ao trabalho humano de plantio e manutenção dos elementos. Naquele momento, o homem estava mergulhado na natureza como meio do qual vivia (PESAVENTO, 2004).

A relação do homem com os fragmentos de natureza existentes geraram uma identidade própria ao lugar carregada de significados individuais e coletivos. “O princípio da expressão do natural apoia-se na premissa de que o contato com a natureza é, de alguma forma, simbólico e significativo na vida das pessoas e que o processo de urbanização não está separado dos processos naturais” (LEITE, 2006, p. 16).

A mudança de local e da constituição da moradia, mesmo mantendo a vizinhança, provocou a quebra nos acontecimentos comuns que sucedem os dias rompendo a relação de pertencimento com o lugar e modificando a vida particular e social da população do local. Todos estes aspectos são formas de intervenção na experiência subjetiva, que conforme descrito por Berleant (2013a) estão sempre associados a uma experiência social. Aliado a isto, o afastamento temporal ocorrido no Distrito provocou o acúmulo de conhecimento possibilitando desenvolver um juízo crítico que juntamente com a apreciação da natureza resultou em uma experiência estética (BERLEANT, 2013a). Neste afastamento, o homem se “separa” dos elementos da natureza e consegue se relacionar de uma forma diferente da primeira. Desta forma, o passado como o “não mais” do presente constante nas recordações permite o afastamento necessário para a atuação do juízo crítico.

A fragmentação na linha de tempo do Distrito dividida entre o antes e o depois da implantação da Usina são dimensões bem definidas e não se interpõem destacando a temporaneidade definida por Rosario Assunto (2011) onde presente, passado e futuro são aspectos limitados com espacialidades próprias. No entanto, no interior de cada fragmento há uma temporalidade marcada por histórias individuais e coletivas desenvolvidas em um percurso cíclico. A fragmentação dos acontecimentos do Distrito rompe este movimento cíclico gerando a temporaneidade que é responsável pela divisão na linha temporal. Assim, observa-se que no passado, ou seja, antes da inserção da Usina do Funil, há um movimento de eventos que conseguem resgatar a memória comparando-a com os dados existentes no presente.

Rosario Assunto (2011) relata que as dimensões do tempo e espaço vivenciadas, como parâmetros limitados são retratados na experiência paisagística.

Na categoria de tempo, Assunto (2011) afirma que as regiões do espaço são “imagens do tempo” e que podem ser entendidas através da temporalidade, que é inclusiva, e da temporaneidade, que é exclusiva. Para o autor, a temporalidade é cíclica, não possui começo ou fim, ou seja, passado, presente e futuro estão em constante movimento. Já a temporaneidade tem os momentos de passado, presente e futuro bem definidos e que não se permeiam. Neste caso, o tempo se espacializa em uma imagem própria não havendo vínculo entre as dimensões, “o passado como o não mais do presente, o presente como o não mais do passado e não ainda do futuro, o qual, por sua vez, é o não-ainda do presente” (ASSUNTO, 2011, p. 352). Na temporaneidade, os ritmos da história são marcados pela sucessividade de acontecimentos.

Leite (2014, p.4) assim resume estes conceitos:

A temporalidade e a temporaneidade das paisagens são imagens espacializadas do tempo: a primeira, uma dimensão qualitativa que abarca a natureza, a história, a arte e o patrimônio. A segunda, de caráter temporâneo, com a breve duração de nossas existências, uma dimensão limitada, quantitativa, que inscreve nas paisagens a atividade humana dos lugares.

Com relação ao espaço, Rosario Assunto (2011) afirma que paisagem é espaço, mas nem todo espaço é paisagem. Ainda, que paisagem “é mais que apenas espaço” (ASSUNTO, 2011, p. 344). Para Assunto (2011, p. 341), “a paisagem é o próprio espaço que se constitui como objeto de experiência estética e tema de um juízo estético”. A ligação entre o homem e o mundo é possível através de um posicionamento estético do homem, enquanto ator social, diante a natureza. Berque (1994, p.5) também relata a importância da relação entre sujeito e objeto mediada pelo tempo e espaço, o que “não implica menos a instituição mental da realidade que a constituição material das coisas. É nesta complexidade deste cruzamento que se instala o estudo paisagístico”.

Ainda na categoria ‘espaço’, Assunto define a ‘finitude aberta’ se referindo ao pedaço de natureza que é possível vivenciar, ou seja, o sujeito só percebe uma parte da infinitude da natureza. Como finitude, relata que é necessária a delimitação de uma natureza ilimitada a fim de buscar sua apreensão, ou seja, é necessário recortar um fragmento com valência de totalidade, assim como definido por Simmel (2009). Como aberta, o autor menciona a continuação dos espaços a partir de seu enquadramento e também exclui os fechados e internos que, para ele, não configuram uma paisagem. Para se enquadrar como paisagem, entre outras características, o espaço deve ser aberto além de limitado.

George Simmel (2009) e Anne Cauquelin (2007) também relatam a necessidade de uma delimitação da natureza para a formação da paisagem. Para Simmel (2009, p.6), “a natureza não tem frações, é uma unidade de um todo”, não tem fronteiras. Já a paisagem exige o recorte que só é possível através da relação entre o objeto e o observador. Ainda relata:

para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza - mas, apresentada como "paisagem", exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência (SIMMEL, 2009, p.6).

Cauquelin (2007) se aproxima de Simmel (2009) ao afirma que para a paisagem é necessário um enquadramento a fim de recortar o todo da natureza. Este enquadramento delimita o espaço natural impondo os limites e os véus ou telas (metáforas que remetem ao imaginário) existentes na relação objeto-observador onde se configura a paisagem. Esta é “justamente a apresentação culturalmente instituída dessa natureza que me envolve” (CAUQUELIN, 2007, p. 143). Collot (2012, p. 16) também se refere a este enquadramento perceptivo como “uma das razões que faz da paisagem percebida um objeto estético”.

As metáforas extrapolam o aspecto físico fazendo a conexão com o imaginário, responsável por influenciar a percepção subjetiva por meio de significados impostos pela sociedade. O imaginário presente naquele tempo e espaço é de fundamental importância para a

compreensão daquela paisagem e será visualizado na maioria das narrativas aqui apresentadas.

O ponto mais importante de Macaia pra mim era a rua e a pracinha da Igreja, lá era muito diferente de hoje, não tinha nada, só a Igreja e o redondo, que era um canteiro em volta de uma árvore. Lá era o ponto de encontro para as festas. A gente fazia festas das crianças e de Nossa Senhora Aparecida, também tinha o congado que era tradicional (Entrevistado 3).

O ponto mais importante era a Praça da Igreja, não era bonitinha como hoje, tinha apenas terra e o redondo da árvore, também tinha um campo de vôlei na frente da igreja. O comércio era todo em volta deste espaço também. Lá era o coração de Macaia, era onde todo mundo ficava (...). Hoje em dia não tem mais ponto em comum, fica todo mundo na televisão e internet em casa. O pessoal de Macaia não frequenta a praia, só o pessoal de fora (Entrevistado 4).

A Figura 53 apresenta o espaço delimitado para a árvore no entorno da Igreja como ponto de referência simbólica para a população. Pela fotografia percebe-se o registro de uma família em um momento de lazer com a presença de bebidas alcoólicas expostas e pessoas bem vestidas sugerindo que se reuniram para alguma comemoração, possivelmente um batizado que na imagem é indicado pelas vestimentas brancas de um bebê.

Figura 53: Ponto de referência simbólica para a população



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito sépia elaborado pela autora.

A Figura 54 apresenta a união dos moradores para a realização do congado, que se constitui como uma manifestação cultural realizada através de canto e música que recria a coroação de um rei. Este evento era realizado com a confecção de roupas pelas mulheres do Distrito e encenado pelos homens que caminhavam pelas ruas cantando as músicas típicas. Grande parte da comunidade se mobilizava nesta festividade, que ainda ocorre nos dias atuais, mas sem a mesma adesão que outrora.

Figura 54: Festa do Congado em Macaia



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito de desfoque elaborado pela autora

A Figura 55 revela a felicidade de uma criança frente a um enorme bolo produzido para a comemoração da festa das crianças, evento realizado anualmente em Macaia, antes da implantação da Usina. Eram realizados diversos bolos pelas mulheres do Distrito e em alguns havia a colaboração, embora modesta, das crianças. Possivelmente, este menino ajudou na confecção deste bolo pela sua expressão de felicidade.

Figura 55: Bolo realizado para a festa das crianças



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

Eu morava lá em baixo, eu gostava muito mais da minha casa, esta é muito longe e apertada! Não tem mais o quintal que eu tinha! Minha casa tinha uma mina nos fundos, eu não tinha criação! Naquela época era todo mundo unido, a gente conhecia todos, agora eu fico aqui sozinha! A única coisa boa foi o asfalto! Hoje eu moro muito longe, me colocaram nesta casa, mas eu queria mais perto da Igreja! Mesmo sendo os mesmos vizinhos, ninguém fica mais na rua! Não tem mais árvore para ficar sentada em baixo (Entrevistado 5).

Um ponto de grande destaque nesta narrativa é a referência à rotina diária existente antes da implantação da represa, onde os moradores sentavam nos passeios defronte suas casas, normalmente sob as sombras das árvores, para conversas ao fim de um dia de trabalho. Após as modificações na estrutura urbana, novas árvores foram plantadas nas ruas de forma a proporcionar sombra nos passeios, no entanto, conforme o entrevistado relatou, mesmo mantendo a mesma vizinhança, esta rotina de conversas após o trabalho foi rompida, se perdendo no tempo.

Outro ponto a se destacar é a expressão “lá em baixo” descrita na narrativa que se refere ao entorno da Igreja de São Bernardo, local onde ocorria a maioria das festas e eventos como o

representado na Figura 56. Pela imagem percebe-se uma criança recebendo algodão doce e pessoas em fila esperando para receber este ou outro alimento. Após a implantação da Usina, os moradores que ocupavam a cota de inundação foram transferidos para uma área contínua a malha urbana já existente, o que modificou a sua forma de se relacionar com este espaço.

Figura 56: Festa dominical realizada na via pública



Fonte: Nonô Gonçalves, 2002.

A natureza delimitada pelo espaço ocupado pela árvore e a mureta de proteção do tronco executada na forma redonda era um ponto marcante na vida cotidiana da população. Neste local aconteciam os encontros sociais e culturais associados ao centro comercial do Distrito.

A igreja e os elementos que compõem seu entorno são destacados como lugares com grande significado simbólico para a população. A percepção deste local é influenciada por valores histórico-culturais – reais ou fictícios - daquela sociedade que atuam no imaginário coletivo intervindo na produção paisagística (LEITE, 2004). A modificação dos elementos do espaço vivido que se inter-relacionam altera a carga simbólica incrustada neles modificando sua relação com o homem. Assim, as intervenções realizadas para a construção da represa esvaziaram o conteúdo simbólico daquele lugar para aquelas pessoas, desconectando-as da

prática sobre o espaço. Uma nova semantização não foi atrelada à antiga população que perdeu seu ponto de referência como local de vida social. Este fato, associado ao contexto de inovações tecnológicas como telefonia e internet, que foram inseridas no Distrito como medida compensatória pelos impactos ambientais causados, levou a população a se enclausurar no interior das residências. Esta nova forma de se relacionar com o espaço dissociou a casa da rua assim como o indivíduo da coletividade. Neste contexto, a relação entre o sujeito e o espaço físico foi transformada em uma nova realidade e por consequência a paisagem de Macaia se alterou.

Nas narrações se observa uma nítida diferenciação entre um contexto de acontecimentos locais existentes antes da implantação da Usina e um contexto global provocado pela maior possibilidade de acesso ao mundo tecnológico. Esta modificação advém não apenas das alterações físicas ocorridas no espaço, mas também da repercussão de um período marcado por inovações tecnológicas que o país está vivendo. No entanto, cabe esclarecer que não importa os motivos que levaram a esta alteração de acontecimentos globais, mas resta saber os reflexos na relação entre homem-natureza que alteram sua percepção e consequentemente a paisagem.

Outra narrativa que remete ao valor simbólico do lugar está apresentada abaixo:

Minha mãe tinha uma casinha herdada de seu avô na área que foi inundada. Foi lá que eu e meus irmãos nascemos e crescemos. Eu só saí de lá quando me casei... No momento em que percebi que a casa seria demolida, pedi a um amigo que fizesse uma maquete como forma de recordação. Ela fica de enfeite na minha casa, é uma forma de lembrar de onde eu vim...(Entrevistado 1)

A maquete relatada compõe os ornamentos da sala de visita da casa da entrevistada, e além da volumetria, apresenta as divisões internas da edificação bem como seu mobiliário como pode ser visualizado nas Figuras 57 a 59. Esta representação arquitetônica do passado busca resgatar espacialmente e emocionalmente a memória destas pessoas, por meio de sua volumetria e principalmente pelo mobiliário. No momento da entrevista, foram apontados a destinação de cada cômodo, bem como seus lugares preferidos no interior da casa, como a sala representada na Figura 58 e o quarto na Figura 59.

Figura 57: Maquete da edificação demolida



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 58: Maquete da edificação demolida com detalhe do mobiliário interno



Fonte: foto da autora, 2017.

Figura 59: Maquete da edificação demolida com detalhe do mobiliário interno



Fonte: foto da autora, 2017.

A carga simbólica daquele lugar enquanto um espaço vivido foi espacializada na forma de maquete como forma de manter aquela paisagem viva na recordação da família, o que demonstra a intensidade da ligação entre homem e natureza construída por meio dos laços afetivos desenvolvidos ao longo de sua história de vida. A ausência do espaço físico rompe a trajetiva com o homem deixando aquela paisagem apenas marcada na memória.

O rompimento brusco da carga simbólica pelo processo de demolição das edificações também ficaram incrustadas na coletividade como “paisagens temporárias”. São temporárias por se fixarem em um curto período de tempo, marcado pelo início das desocupações das residências e implantação de um novo cenário urbano. O processo da demolição foi aos poucos extinguindo um fragmento de natureza e rompendo a relação com o homem, de forma a desagregar os laços afetivos entre os componentes da sociedade e da natureza construída. A criação de uma série de infraestruturas e equipamentos necessários para apoiar as obras e construção de novas edificações também contribuiu para a criação das “paisagens

temporárias” (MATOS, 2017). Após a construção do novo cenário urbano, as “paisagens temporárias” ficaram guardadas apenas na memória da população atingida.

As narrativas destes momentos estão sempre marcadas pelo sofrimento e nostalgia, principalmente para a população com idade superior a 40 anos. Estes sentimentos dominam a percepção e se desencadeiam de modo semelhante na maioria dos entrevistados.

*As demolições das casas foram sendo executadas aos poucos, cada dia era tirado um pedaço da nossa história! Foram dias muito difíceis! Não dá para esquecer o povo de frente as suas casas com os tratores derrubando as paredes que tinham todas as recordações da nossa vida! A casa em que eu nasci e fui criado foi pouco a pouco sendo derrubada, como se fosse tirando um pedacinho de mim todos os dias. Por mais que a casa nova fosse bonita, ela não tinha nada, história nenhuma, nasceu de uma tristeza profunda!
(Entrevistado 6)*

A Figura 60 apresenta a violência para aquelas pessoas do processo de demolição das edificações através da movimentação de terra e do maquinário utilizado. Alguns moradores registraram estes momentos que deixaram cicatrizes na memória da população atingida. Outros preferiram não guardar imagens físicas que relembrem a destruição de parte de Macaia.

Figura 60: Processo de demolição das edificações



Fonte: Conceição Cândida da Silva, 2002.

O enchimento da represa foi responsável pelo desaparecimento de vestígios patrimoniais de outras épocas e de paisagens preexistentes. A Figura 61 apresenta a retirada de elementos da cobertura e das aberturas para que posteriormente seja realizada a demolição da alvenaria. Percebe-se que esta edificação foi demolida após o início do enchimento da represa, objetivando formar a “praia” existente entre a Igreja de São Bernardo e o lago.

Figura 61: Habitação sendo demolida



Fonte: Ana Regina Nogueira, 2002.

As pessoas mais velhas sentiram mais a demolição das casas, teve gente que passou mal na hora que os tratores começaram a derrubar as paredes, foi uma correria danada pra levar para o hospital em Bom Sucesso. Uma senhora não resistiu e morreu antes de ver a casa completamente no chão. (Entrevistado 6)

Assim como a população atingida que resiste em deixar seu ambiente já consolidado, a natureza permanece presente mesmo diante da destruição ocasionada pelos interesses econômicos e políticos. A Figura 62 mostra um pássaro bebendo água, gesto fundamental para a vida, em um bebedouro ornamental situado em uma varanda de residência. Observa-se que neste momento já havia sido iniciado o processo de enchimento do lago, mas ainda havia obras para a reconstrução do lugar.

Figura 62: Beija-flor bebendo água em meio a demolição de parte de Macaia



Fonte: Conceição Cândida da Silva, 2002. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

Historicamente, as usinas hidrelétricas encontram-se no centro das estratégias adotadas para desenvolver o setor elétrico. Na implantação das usinas, o meio físico é alterado provocando diversos problemas para a população do entorno e da área inundada pelas represas. Com a alteração do meio físico, as paisagens, por consequência se alteram. Assim, cabe relatar, de forma geral, os principais impactos provocados pelas barragens.

A implantação de empreendimentos de grande porte, no caso analisado, usina hidrelétrica acarreta impactos positivos e negativos aos meios físicos, biótico e socioeconômico da região receptora, como também ultrapassa os limites da área de implantação.

O principal impacto positivo é a geração de empregos diretos e indiretos, seja pela contratação de trabalhadores para a instalação e operação da usina, seja pelo acréscimo de serviços influenciado pelo turismo em um momento posterior a sua instalação.

Os impactos negativos são marcados pela perda do ambiente natural, com prejuízo para a fauna e flora; e pelos prejuízos relativos aos aspectos físico-químico-biológico que ocorrem

devido às características ambientais do espaço como alteração do regime hidrológico, assoreamento, emissão de gases que provocam o efeito estufa a partir da decomposição de matéria orgânica no reservatório, entre outras (BERMANN, 2003).

Ainda na lista de impactos negativos, o sócio-cultural é o que mais se destaca, por ser o principal ponto de conflito e possuir uma limitada capacidade de resolução frente ao denominado “desenvolvimento econômico”. Neste aspecto, a formação do reservatório acarreta o deslocamento de povoados e população ribeirinha com mudanças em seu cotidiano, identidade, paisagem e referências, além da perda irreversível das condições de produção e reprodução social.

Outro aspecto que não é devidamente considerado pelos investidores são os impactos para as populações receptoras causado pelo crescimento desordenado associado a degradação ambiental e marginalização social. O aumento repentino da população é ocasionado por trabalhadores e suas famílias que migram de outros municípios pelos deslocamentos involuntários ou objetivando trabalhar nas usinas. As cidades ou localidades que recebem esta população, muitas vezes, não estão preparadas para um aumento de habitantes o que onera os serviços públicos como postos de saúde, hospitais, educação e segurança. Outro ponto importante é a deficiência do número de habitações de muitas cidades anfitriãs fazendo com que os novos moradores utilizem habitações irregulares, sem infraestrutura, provocando uma maior degradação ambiental.

Há também os impactos econômicos resultantes da perda de recursos produtivos e a reafirmação de uma desigualdade já existente. O que se transmite para esta região atingida é um “falso” desenvolvimento através da geração de empregos e crescimento econômico.

A construção de usinas hidrelétricas surgiu como “estruturas de domínio do homem sobre a natureza e da sua ação na transformação da natureza” (MATOS, 2017, p. 56).

Após o rompimento da carga simbólica existente antes da implantação da Usina, um novo imaginário foi disseminado por meio da semantização da ideia de natureza: a construção de “condomínios” de luxo nas margens da represa. A Prefeitura Municipal de Bom Sucesso

alterou o zoneamento da área de rural para urbano e favoreceu a implantação de parcelamentos do solo na forma de “condomínios fechados” por meio da atuação do mercado imobiliário. Intervenções físicas na área espacializam um ideal de vida idílica apoiado no imaginário do contato com a natureza pela água do reservatório de forma a produzir uma paisagem a ser comercializada.

Eu acho Macaia incrível, um lugar quieto e sossegado, não tem barulho nenhum, da para descansar demais! É o máximo acordar com os passarinhos cantando e aquele cheirinho de natureza! Eu venho quase todos os fins de semana! (Entrevistado 7)

Isto daqui é o paraíso! Depois que eu comprei este pedacinho de paraíso minha vida mudou (...) saio de uma cidade grande, com muito trânsito e barulho e venho pra cá todos os fins de semana para aproveitar a natureza e este silêncio. Aproveito para caminhar, escutando os passarinhos, e ler um bom livro! (Entrevistado 8)

Figura 63: Portaria do "Condomínio Riviera Náutico"



Fonte: foto da autora, 2017.

A Figura 63 apresenta a portaria do Condomínio Riviera Náutico, produto de um processo de ressemantização da natureza orquestrado pelo mercado imobiliário como forma de obtenção

de lucro. Esta atuação do mercado na produção de espaços destinados a segunda residência modifica a forma do homem em perceber a natureza e seus aspectos morfológicos impondo novos padrões de uso e ocupação, assim como de comportamento.

Alan Roger (2007) disserta que a paisagem se dá através da “dupla artealização” da natureza. “A primeira é direta: *in situ*; a segunda é indireta: *in visu*” (ROGER, 2007, p. 21).

A artealização direta, *in situ*, está relacionada ao sítio, à morfologia do espaço, à arquitetura, ou seja, a parte física do ambiente percebida através dos sentidos humanos. Já a indireta, *in visu*, é imaterial, ou seja, acontece pela ação do olhar carregado por todos os significados externamente adquiridos. Está relacionada às experiências subjetivas do homem enquanto um ente social. Lembrando que Berleant (1997) refere-se à experiência subjetiva associada a uma experiência social, onde o sujeito está imerso no imaginário social.

Estas formações sociais, “plurais e contraditórias”, elaboradas através de conteúdos organizados pela sociedade a partir dos elementos naturais do lugar constituem a paisagem (LEITE, 2014). Leite discorre que:

As paisagens, segundo Alain Roger são criações culturais que podemos analisar e datar, são resultado de procedimentos de transformação artística que operam tanto sobre a materialidade de um lugar quanto sobre o olhar coletivo, fornecendo aos que delas usufruem possibilidades de visão, de percepção e de deleite. O horizonte visível de uma paisagem é objeto, em última análise, de uma espécie de valoração subjetiva da realidade objetiva (LEITE, 2014, p.1).

Desta forma, ao apresentar o conceito de artealização, Roger (2007) demonstra a face construída e simbólica da paisagem que pode ser encontrada nos imaginários coletivos e nos aspectos subjetivos. No caso de Macaia, a artealização *in visu* acontece pela ressemantização, principalmente do lago (ou seja, natureza) como local de descanso e lazer pela “beleza” e “tranquilidade”, sendo ressaltado o imaginário social, já presente na população, que liga o “contato com a natureza” a indicadores de uma vida confortável, bem sucedida e tranquila. A artealização *in situ* transforma terrenos ou determinadas áreas pela adoção de práticas no ambiente físico, como instalação de infraestrutura e criação de espaços destinados ao lazer e

turismo, que seduzem a população pelo conforto e beleza, atuando diretamente no imaginário coletivo.

Desta forma, o imaginário, que está sempre associado à ideologia, elabora e organiza o processo de semantização e dessemantização através da artealização *in visu* e *in situ* para construir a paisagem, como pode ser sintetizado na Figura 64.

Figura 64: Síntese da constituição da paisagem



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Este imaginário de “contato com a natureza” como forma de indicador de qualidade de vida é disseminado com o objetivo de se atingir pessoas que possuem condições financeiras e tempo de usufruírem uma segunda residência na forma de “condomínios fechados”. São criadas ilusões a partir de fatos sociais históricos, como a ligação homem-natureza e representações que interessam a classe social em que se encontra. Assim, esta maneira de ressemantizar a natureza, executada principalmente pelo mercado imobiliário, exclui a parcela da população que não possui condições de manter este padrão de vida pela disponibilidade financeira.

Desta forma, a população que já habitava o espaço, antes da alteração primeira, se torna excluída do processo de formação de seu próprio ambiente na medida em que não possui condições financeiras para adquirir um novo imóvel ou não possuem articulação política para barrar este processo. Estas formas de atuação criam racionalidades de origens diferentes das praticadas anteriormente em Macaia transformando o território na medida em que impõe comportamentos através de novas formas de produção que foram impostas ao lugar.

O discurso sobre o espaço vinculado ao plano de água atuou sobre toda a população da região onde está inserido o Distrito, no entanto a prática sobre o espaço ocorreu apenas em partes específicas do território (zona rural). Assim, esta ressemantização da natureza também

produziu significados a turistas sem poder aquisitivo para adquirir uma segunda residência, mas que utilizam a fonte de água para o lazer. Ao contrário do primeiro grupo, estes turistas se concentram na orla da represa e não são bem vindos pela população que habita o Distrito pelos incômodos gerados como poluição sonora, lixo e aumento da violência:

Fim de semana e feriado, principalmente no verão isso daqui vira uma bagunça! O povo vem aqui para tomar banho na represa e fazer churrasco na praia, fica uma bebedeira danada, drogas e muito carro de som com volume muito alto nas ruas perto da Igreja! O padre tem até que parar a missa para pedir para baixar o som, mas não adianta nada! Polícia nem aparece! Ninguém tem respeito com as pessoas, fica gente idosa dentro de casa sem conseguir dormir e poder sair de casa! Aqui em Macaia, hoje em dia não tem nada para fazer, fim de semana a gente fica escondido em casa por causa do alvoroço que os turistas fazem. Depois que eles vão embora tem que limpar tudo porque eles deixam muita sujeira para trás. (Entrevistado 9)

Fim de semana eu não deixo minhas meninas saírem na rua, se elas quiserem sair para passear tem que ir a Bom Sucesso, aqui não dá! Se lá tá faltando policiamento, aqui não tem nenhum, você precisa ver a baderna que fica nos fins de semana. Dá até briga! (Entrevistado 10)

O imaginário de “contato com a natureza” atinge a diferentes setores sociais da população que usufrui de formas distintas do espaço gerado após inserção do plano de água. No entanto, os turistas que foram atraídos pelo mercado imobiliário associado ao governo municipal, responsável pela alteração do uso do solo de rural para urbano, são recebidos pela população local diferentemente dos turistas que usam o entorno da Igreja sem o controle da Administração Pública. Esta camada social de turistas, para os moradores de Macaia, não agrega desenvolvimento financeiro pela ausência de estrutura física como restaurantes e hotéis.

O que falta em Macaia hoje é uma campanha para o turismo, mas um turismo direito, não esta baderna que eles ficam fazendo. Se aqui fosse estruturado igual estas outras barragens como Capitólio, por exemplo, o povo dos

condomínios iria vir aqui, eles não vem porque não tem nada para fazer.....(Entrevistado 11)

Macaia é um distrito, que antes do enchimento da represa possuía uma vocação agrícola e pecuária, além da produção do cal. Após as intervenções realizadas pela concessionária de energia elétrica, a usina de cal deixou de existir e muitas fazendas foram inundadas. Assim, grande parte da população que residia no local ficou sem emprego, necessitando recorrer a localidades vizinhas a fim de garantir seu sustento.

A população esperava que a modificação de seu espaço físico atrelasse um desenvolvimento financeiro pela atração de turistas, no entanto a carência de espaços semantizados para este público não ocorreu, deixando os moradores de Macaia frustrados.

A paisagem era maravilhosa, depois da represa mudou bastante e a gente está tentando se adaptar. Ela tomou bastante à orla. (Entrevistado 12)

Hoje em dia não tem mais paisagem, eles cortaram a maioria das árvores, acabou com as frutas. Acabaram as árvores em volta do rio e cortaram os pés de bambu onde agente pescava. As pessoas pescavam na beira do rio porque era água corrente. Hoje não tem muito peixe mais. (Entrevistado 13)

Figura 65: Pescadores no Rio Grande antes da implantação da Usina



Fonte: Nonô Gonçalves, sem data definida. Efeito colorido em preto e branco elaborado pela autora.

A Figura 65 apresenta meninos pescando no Rio Grande mostrando a natureza sempre presente na rotina dos habitantes de Macaia. Para eles, a paisagem está representada pelos elementos da natureza existentes no espaço. Assim, a concepção paisagística está relacionada a tradicional consideração pictórica e cenográfica, onde o natural da natureza produz uma imagem a ser contemplada, não sendo necessário a experiência estética de seus elementos. Esta visão, presente em diversos segmentos sociais, não resulta da trajetiva entre homem-natureza influenciada por questões sociais, econômicas, culturais e pelos símbolos que atuam e transformam o ambiente.

Os componentes originários da natureza destruídos pela construção do lago representam a ruptura do produto que eles veem. Assim, pela ausência daqueles elementos, muitos moradores entendem que não há mais paisagem.

Eu vejo que, hoje, a paisagem de Macaia está maravilhosamente bem, tem a ponte e o asfalto. Eles (os construtores da Usina) cortaram muitas árvores para o enchimento da represa, mas também plantaram algumas. Olha o lago

*e a prainha como ficaram bonito! Não é toda cidade que tem este privilégio!
(Entrevistado 14)*

Há também aqueles que acreditam que a implantação de infraestrutura viária como pavimentação e a inserção do plano de água contribuiu para o “embelezamento da paisagem”, sempre lembrando que a visão cenográfica que a população de Macaia tem de paisagem. No entanto, é importante observar que tanto no conceito que a população tem sobre paisagem e quanto no abordado neste trabalho, a natureza está sempre presente nesta categoria, seja como apenas contemplação ou na relação com o ser humano.

Também é interessante ressaltar que a composição da natureza naquele lugar também influencia a forma do homem se relacionar entre si.

Apesar de ser um tempo bom era muito difícil também, para chegar da outro lado (do Rio Grande) tinha que atravessar a balsa, se estava seco, ela não atravessava porque agarrava; se chovia demais, ela não atravessava porque inundava! Para ir a pé, a gente passava por cima dos dormentes para atravessar o rio, era muito perigoso! Mesmo com tudo isso a gente era feliz e não sabia! (Entrevistado 15)

A comunidade era muito acolhedora, acho que por causa do rio e da balsa, não tinha jeito de ficar saindo, então as pessoas se ajudavam. Hoje tem livre acesso ao mundo, pela ponte e pela internet e as pessoas vivem cada um na sua casa. (Entrevistado 16)

*Os moradores de Macaia se reuniam em uma casa grande em frente a Igreja para ver a copa do mundo de 1970 em uma televisão que funcionava com bateria. Para ir ao município de Ijaci andava-se pelos dormentes, pois não tinha carro, utilizavam uma lanterna a pilha. Ficava caro comprar pilha....
(Entrevistado 17)*

O acesso ao outro lado do Rio Grande era fundamental para ligar Macaia a Lavras, que naquele momento se configurava como o principal polo econômico da região. Pela ausência de ponte rodoviária, o deslocamento sobre o Rio por automóveis era executado por meio de

balsas. Durante as enchentes ou secas, o transporte pelas balsas era interrompido. As enchentes também atingiam as edificações e vias de circulação que se localizam nas margens do Rio. As Figuras 66 e 67 apresentam os impactos das enchentes no Rio Grande antes da implantação da Usina.

Figura 66: Enchentes do Rio Grande antes da implantação da Usina



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito anco elaborado pela autora.

Figura 67: Enchentes do Rio Grande antes da implantação da Usina



Fonte: Conceição Cândida da Silva, sem data definida. Efeito elaborado pela autora.

A utilização da balsa por pedestres era onerosa, já que muitos utilizavam estes serviços diariamente, assim era comum a travessia por meio de dormentes da ponte férrea, como pode ser visualizado na Figura 68.

A barreira física provocada pelo Rio Grande associada à carência de acessos rodoviários e baixa possibilidade de adquirir automóveis pelo aspecto financeiros dos moradores do local criavam um aspecto de “isolamento” da comunidade. Este fato também era reforçado pelo Distrito possuir poucos habitantes – aproximadamente 900 – que criaram uma rede de convivência direta e indireta a partir do compartilhamento de valores específicos que serviam para mediar o processo de relação entre esses sujeitos.

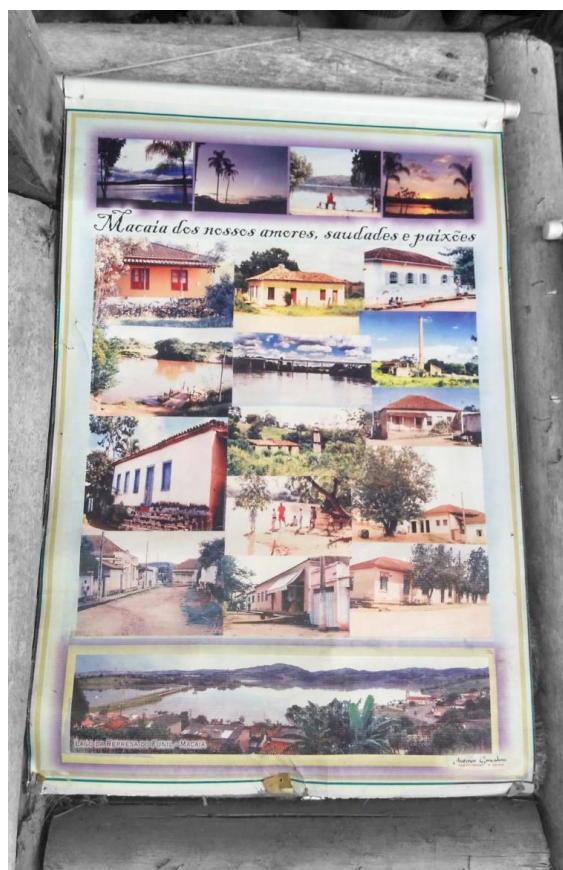
Figura 68: Ponte férrea sobre o Rio Grande com pedestres na travessia



Fonte: Conceição Cândida da Silva.

Como vimos por meio das narrativas, a paisagem constituída antes da implantação da Usina do Funil possui uma temporalidade cíclica desde o início da formação do povoado até momentos antes da inserção do lago do Funil. A lentidão do processo de formação do Distrito possibilitou a criação de uma relação paisagística de maior diálogo entre o homem e a natureza.

Após a alteração violenta do ambiente natural, este ciclo foi rompido gerando uma temporaneidade que excluiu o passado do presente, tirando do passado os procedimentos que o preservam no futuro, e causando a sensação de estranhamento entre os habitantes e esta nova natureza.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem nos revela a relação entre o homem e a natureza influenciada por múltiplas forças e processos temporais e espaciais. Esses processos são os responsáveis por permitir o afastamento necessário para uma atitude estética frente à natureza. Já a estas múltiplas forças, ressalta-se o aspecto imaginário que interfere no processo de reconhecimento e seleção dos elementos da natureza transformando o espaço e a vida cotidiana de uma população, consequentemente interferindo na produção paisagística.

A ideia de natureza sempre explorada percorre toda a evolução histórica do Distrito de Macaia. Desde as primeiras ocupações do solo, seus elementos naturais eram objeto de exploração mineral: pela retirada do ouro, cal e pela produção agropecuária, assim como ocorreu em quase todos os núcleos mineiros. Até a inserção da Usina do Funil, o contexto urbano foi lentamente alterado pelas mudanças na infraestrutura e ocupação do solo e pelas modificações sazonais da natureza.

O habitante de Macaia se posicionava frente à natureza como meio do qual vivia, em uma relação harmônica pelo domínio unilateral, ou seja, o homem explorava os elementos naturais para a sobrevivência física e cultural respeitando seus ciclos. O contato com natureza também era realizado por meio de fragmentos construídos no sítio urbano, principalmente relacionados à arborização nas vias e quintais das casas, além da criação de animais domésticos, que permitiam sua exploração racional como gêneros alimentícios de subsistência, carne de suínos e doces de frutas existentes na localidade. A relação com o Rio Grande era intensa; o homem utilizava a pesca como uma importante atividade econômica, conseguindo se comunicar com o curso d'água por meio da interpretação de suas características naturais e reconhecimento de suas potencialidades e fragilidades. Esta relação intensa também se dava pela sua utilização como meio de transporte entre as margens.

A estrutura urbana e social do Distrito gerava uma rede de solidariedade comum em diversos pequenos núcleos mineiros. Estes elementos aliados à estagnação econômica geraram uma identidade própria ao lugar carregada de significados individuais e coletivos que possibilitaram uma relação paisagística de maior estabilidade por meio de seu lento movimento realizado em períodos cíclicos. Nesse momento, o homem possuía uma relação de maior diálogo com os elementos da natureza, que juntamente com as edificações e seus quintais, as ruas e o rio criavam um conjunto paisagístico que se manteve equilibrado e harmônico até a inserção da Usina do Funil.

O processo de construção da represa com demolição das edificações e das estruturas urbanas rompeu bruscamente a carga simbólica daquele lugar enquanto um espaço vivido gerando “paisagens temporárias”. Apesar de ser caracterizado como temporária, pois se fixou apenas durante as obras, ficaram marcadas na memória coletiva pela força com que desagregou os laços afetivos entre os componentes da sociedade e da natureza.

As alterações morfológicas provenientes da construção do lago desencadearam um processo de mudanças significativas para a sociedade de Macaia. Apesar das melhorias estruturais como pavimentação e construção de ruas, novas edificações e tratamento de esgoto, as novas estruturas espaciais provocaram o desmantelamento dos significados individuais e coletivos

pela privação de referenciais espaciais e culturais. Houve um esvaziamento do conteúdo simbólico daquele lugar para aquelas pessoas, desconectando-as da prática sobre o espaço, ou seja, as intervenções realizadas provocaram uma dessemantização para a antiga população que perdeu, de certa forma, sua identidade.

Este contexto ainda foi agravado pela modernização tecnológica ocorrida (que por si só já produz efeitos colaterais no campo social) que contribuiu para dissociar a casa da rua, assim como, o indivíduo da coletividade. A modificação da vida particular e social da população interferiu no comprometimento físico do homem e, conseqüentemente, na sua percepção de mundo. Estes novos aspectos estéticos transformaram a relação do homem com a natureza em uma nova realidade, alterando assim, a paisagem.

Por outro lado, após a natureza de Macaia ter sido recriada, uma nova semantização foi efetivada para uma população externa ao Distrito, por meio de operações ideológicas que terminaram por produzir novos imaginários no lugar. Com seu caráter simbólico, o aspecto imaginário, orquestrado principalmente pela mídia, pelo marketing, empresas e capital, transformou informações reais em um novo significado, e pela sua atuação coletiva influenciou a significação individual e a percepção subjetiva de toda uma sociedade.

A transformação brusca da natureza, como a inserção de um plano de água, altera, naturalmente, a forma de se relacionar com o espaço facilitando a mudança na ocupação e uso do solo e no turismo relacionado ao corpo hídrico. No entanto, nestes ambientes, mecanismos controladores, normalmente associados ao mercado imobiliário, influenciaram o aspecto imaginário do homem interferindo em suas referências prévias, principalmente pela ligação homem-natureza, de forma a explorar seus componentes como recurso turístico. Neste aspecto, os elementos da natureza, principalmente relacionados ao plano de água, foram semantizados em uma perspectiva de lazer, descanso e atividades físicas, como também, relacionados a indicadores de uma vida confortável, bem-sucedida e tranquila.

Para tanto, lugares que antes eram ocupados por fazendas foram explorados como recurso turístico e como segunda residência. A ideia transmitida à população que possui condições financeiras e tempo disponível, normalmente localizada em médias e grandes cidades, era

buscar em pequenos povoados a tranquilidade e “contato com a natureza” que não possui em suas cidades de origem.

O mercado imobiliário, buscando uma forma de obter lucro financeiro, interferiu na dinâmica territorial de uso e ocupação do solo pela construção de “condomínios fechados” que oferecem uma ampla estrutura de lazer e turismo. As características destes parcelamentos do solo auxiliam a significação de uma segunda residência pela temporaneidade de uso, voltado a fins de semana e férias; finalidade de uso em tempo livre e perfil social dos frequentadores: classes sociais altas e médias.

Esta indução da forma do homem reconhecer e selecionar os elementos da natureza foi realizado previamente no imaginário e, posteriormente, espacialmente, demonstrando a face simbólica e construída da paisagem. Contudo, a adoção de práticas sobre o espaço foi seletiva, excluindo parte da população que não possui condições de aquisição e manutenção de uma segunda residência, e impondo novos padrões de comportamentos aos habitantes e demais parcelas da população.

O imaginário disseminado do uso do corpo d’água como fonte de lazer e descanso, também atrai turistas sazonais, de classes financeiras inferiores aos da segunda residência, que utilizam a orla da represa para banhos, demandando a construção de estruturas de apoio como restaurantes, hotéis que ainda não foram efetivadas. Esta forma de ocupação do espaço tem causado degradação ambiental com poluição sonora e provocado o enclausuramento dos moradores pelos riscos sociais gerados.

Por meio das narrativas, são evidenciados os conflitos da nova realidade com o pré-existente, ressaltando os esforços sociais de adaptação às transformações ocorridas. O novo turismo que se implantou no entorno da Igreja, expulsou a população de seu principal ponto de convívio social, contribuindo para remodelar a vida cotidiana e ocasionando grande frustração pelo resultado de um processo de mudanças.

Em síntese, ao se analisar as paisagens do Distrito de Macaia elencado pelos seus atributos relacionados ao tempo, espaço, experiência estética da natureza e os processos culturais que

impõem imaginários na - e pela - sociedade, este trabalho trouxe como resultado que não é só o ambiente urbano, social e econômico são alterados pela implantação de usinas hidrelétricas, mas também os aspectos subjetivos e imateriais que constroem a identidade dos lugares.

Estudos envolvendo a trajetiva entre homem-natureza são quase sempre desconsiderados no processo de implantação de usinas hidrelétrica, ocasionando este estranhamento ao lugar com consequente perda de identidade observada no Distrito de Macaia. Desta forma, a fim de se minimizar os impactos, estudos prospectivos de possíveis alterações na paisagem devem ser aprofundadas antes da construção da represa, assim como a paisagem deveria ser gerida após a transformação espacial, de forma a atender a critérios tanto funcionais quanto estéticos que levem em consideração, principalmente, benefícios à população atingida.



REFERÊNCIAS

ALIANÇA ENERGIA. **Usina Do Funil**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.aliancaenergia.com.br/usinas/usina-de-funil>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. **De Vila Rica ao Rio das Mortes: mudança do eixo econômico em Minas colonial**. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 11, nº 1 e 2, p. 37-160, 2005.

ANTUNES, Carla Rolo; COUTINHO, Miguel Azeredo. **O Papel da Água na Construção da Paisagem**. In: FIDALGO, Pedro (coord). Estudos de Paisagem. Volume I, Lisboa. Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humas da Universidade Nova de Lisboa, 2017, p.216-246.

ASSUNTO, Rosario. **A paisagem e a estética**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord) *Filosofia da Paisagem – uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. Pp. 341-376.

BERLEANT, Arnold. **Living in the landscape**. *Toward an Aesthetics of Environment*. Kansas: University Press of Kansas, 1997, p. 9-24.

_____. **A estética da arte e a natureza**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord) *Filosofia da Paisagem – uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013 (a), p.281-298.

_____. **Estética e Ambiente**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord) *Filosofia da Paisagem – uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013 (b), p.377-394.

BERMANN, Célio. **Energia no Brasil: para quê? Para quem? Crise e alternativas para um país sustentável**. São Paulo: Ed. Livraria da Física: FASE, 2003.

BERQUE, Augustin. **Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage**. Paris: Editions Champ Vallon, 1994. p. 5; 13-18 - Tradução: Altamiro Sérgio Mol Bessa para fins didáticos do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo - ARQ809

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. **A Construção das Paisagens Turísticas nos Descaminhos da Estrada Real**. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2014.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. **Mappa da Comarca do rio das Mortes pertencente a Capitania de Minas Gerais que mandou descrever o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Antônio de Noronha Governador e Capitão General da mesma Capitania segundo as mais exactas informações**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart530294/cart530294.html. Acesso em: 15 fev. 2017

CARLOS, A. F. A. **A tragédia urbana**. In: CARLOS, A. F. A.; VOLOCHO, D.; ALVAREZ, I. P. *A cidade como negócio*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 43-63.

CARVALHO, José Murilo de. **O motivo Edênico no imaginário social**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Out.1998.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. (tradução Marcos Macionilo). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHAUÍ, Marielena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COIMBRA, Pedro. **As Margens do Rio Grande: registro histórico-cultural das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência da UHE Funil**. Lavras: Usina Hidrelétrica do Funil, 2012. 230p.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção de paisagens**. In: NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida. *Literatura e Paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p.11-29

CORREA, Luiz Henrique Sedrez. **A Segunda Residência como Indutora da Urbanização em Áreas litorâneas na Contemporaneidade**. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, 2016, p. 291-307.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo. Editora Atlas, 1985.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA OESTE DE MINAS. **Estações Ferroviárias do Brasil**. 2015 http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_efom/bomsucesso.htm. Acesso em: 16 fev. 2017.

GRAÇA FILHO, Afonso Alencastro. **A praça mercantil e a cidade de São João Del Rei no oitocentos**. In: PIRES, Maria do Carmo; ANDRADE, Francisco Eduardo; Bohrer, Alex Fernandes (org.). *Poderes e Lugares de Minas Gerais: um quadro urbano no interior brasileiro, séculos XVIII – XX*. São Paulo: Scortecci; Ouro Preto, MG: Editora UFOP, 2013. p. 41-61

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destruição ou Desconstrução?** Questões da paisagem e tendências de regionalização. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Criar paisagens: expressão artística ou instrumento civilizatório**. São Paulo: Mimeogr, 2014.

LENOBLE, Robert. **História da Idéia de Natureza**. Rio de Janeiro: Editora 70, 1990.

MATOS, Ana Cardoso. **As Paisagens da hidroeletricidade em Portugal: um exemplo das paisagens de inovação técnica**. In: FIDALGO, Pedro (coord). Estudos de Paisagem. Volume I, Lisboa. Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017, p.53-67.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, desenvolvimento e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NOGUEIRA, Ana Regina. **Usina Hidrelétrica Funil, uma paisagem perdida**. 2014. Disponível em: <http://anareginanogueira.com.br>. Acesso em: nov. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A invenção do Brasil: o nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro**. Revista de História e Estudos Culturais, Porto Alegre, v. 01, n. 1, p. 1-34, out./dez. 2004.

POTTEIGER, Matthew; PURINTON, Jamie. **Landscape Narratives Design Practices for Telling Stories**. New York, John Wiley & Sons, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM SUCESSO. **Estrutura Arquitetônica e Urbanística de Macaia – Igreja São Bernardo de Claraval**. Bom Sucesso. 2007 (a)

_____. **Plano de Inventário de Proteção ao Acervo Cultural**. Bom Sucesso. 2007 (b)

_____. **Nossa História**. Bom Sucesso, MG. 2015. Disponível em: <<http://www.bomsucesso.mg.gov.br>> Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. **Documentos para implantação da Nova Macaia e parcelamentos posteriores**. Bom Sucesso. 2017.

PROJETO RESGATE - Minas Gerais (1680-1832) tipo manuscrito **Requerimento de Frutuoso Dias de Oliveira**, pedindo confirmação da carta de sesmaria de meia légua de terra em quadra, na paragem denominada Macaia, do termo da Vila de São José, Comarca do Rio das Mortes. - Anexo: Em anexo: 1 carta; 1 bilhete. Disponível em: <http://acervo.redememoria.bn.br/redeMemoria/handle/123456789/89051> Acesso em: 08 mar. 2017.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Imaginação e Metrópole: As ofertas paradigmáticas do Rio de Janeiro e São Paulo.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996

RITTER, Joaquim. **Paisagem sobre a função do estético na sociedade moderna.** In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord) *Filosofia da Paisagem – uma Antologia.* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013, p.93-122.

RIVIERA NÁUTICO. **Condomínio Náutico Riviera do Lago.** Lavras, 2016. Disponível em: <http://www.rivieranautico.com.br>. Acesso em: 23 mai. 2017.

ROGER, Alain. **Breve Tratado del Paisaje.** Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia e Paisagem Aproximações a uma Categoria Estética.** *Philosophica*, 23, Lisboa, 2004, pp. 87-102.

_____ **Pensar a Natureza a partir da Estética.** XIX Encontro de Filosofia, A Ética e os desafios do mundo contemporâneo, Edição Apf - Associação de Professores de Filosofia, 2005.

_____ **Paisagem e ambiente: uma distinção conceptual.** *Enraonar. Quaderns de Filosofia* 53, 2014 pp. 15-28.

SEVCENKO, Nicolau. **O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismo e Cultura.** São Paulo: Revista USP, Junho/Agosto, 1996 p. 108-119.

SIDRA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/territorio#/Mapa>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem.** Tradução: Artur Morão. Covilhã: LusoSofia: Press, 2009.

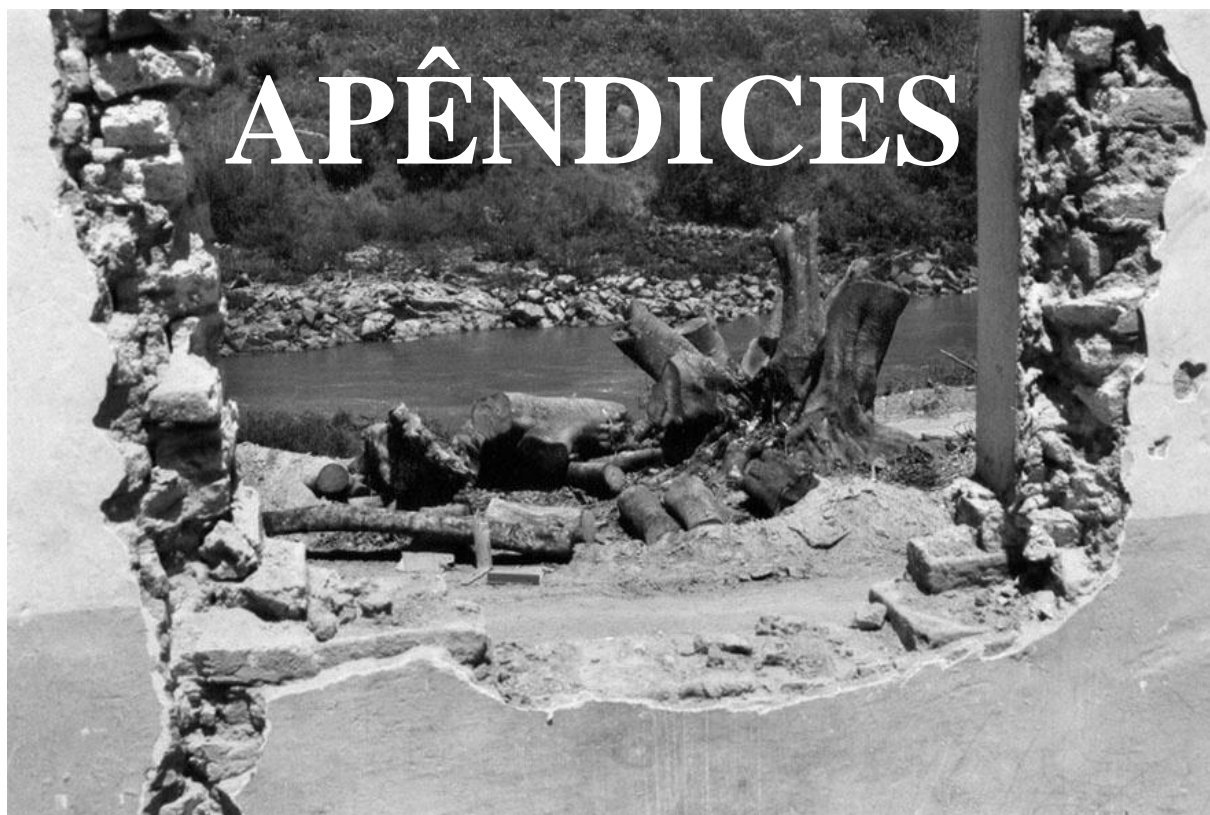
TJMG. Memória do Judiciário Mineiro. **História da Comarca do Rio das Mortes.** *Jurisp. Mineira*, Belo Horizonte, a. 65, n° 208, p. 13-26, jan./mar. 2014.

TULK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada.** São Paulo: Roca, 2001.

TURRI, Eugenio. **A paisagem como teatro**. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord) *Filosofia da Paisagem – uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

WUNENBERGER, Jean-Jacques. **Funções do imaginário**. In: *O imaginário*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 53-66

YOUNGARQUITETURA. **Condomínio Vivert Santuário Náutico**. Lavras, 2015. Disponível em: <http://www.youngarquitetura.com.br/site/projetos/condominio-vivert-santuario-nautico>. Acesso em: 23 mai. 2017.



APÊNDICE A - questionário

O objetivo da aplicação do questionário foi adquirir dados sobre os aspectos subjetivos da população, imprescindíveis para a construção da paisagem. O questionário foi estruturado em três etapas: a primeira abordou o momento anterior à implantação da Usina do Funil, a segunda a partir da construção da represa aos dias de hoje e para terceira foram apresentadas imagens representando as demarcações temporais, a fim de ativar a memória da população sobre o espaço vivido. As perguntas previamente estabelecidas buscaram o conteúdo semelhante mantendo apenas a ordem temporal assim como a sequência existente naquele espaço.

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO - ENTREVISTA

DADOS DO ENTREVISTADO

Data:

Nome:

Endereço:

Sexo:	<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino	
Idade:	<input type="checkbox"/> 0 -14 anos	<input type="checkbox"/> 25 – 39 anos	<input type="checkbox"/> 55 – 64 anos
	<input type="checkbox"/> 15 – 24 anos	<input type="checkbox"/> 40 – 54 anos	<input type="checkbox"/> 65 anos ou mais
Renda: (em salário mínimo – SM)	<input type="checkbox"/> até 1 SM	<input type="checkbox"/> de 3 a 6 SM	<input type="checkbox"/> de 9 a 12 SM
	<input type="checkbox"/> de 1 a 3 SM	<input type="checkbox"/> de 6 a 9 SM	<input type="checkbox"/> acima de 12 SM
Escolaridade:	<input type="checkbox"/> sem instrução	<input type="checkbox"/> ensino fundamental incompleto	<input type="checkbox"/> ensino fundamental. completo
	<input type="checkbox"/> ensino médio	<input type="checkbox"/> ensino superior	<input type="checkbox"/> pós-graduação
Se reside em Macaia, há quanto tempo?	<input type="checkbox"/> menos de 05 anos	<input type="checkbox"/> de 5 a 15 anos	<input type="checkbox"/> de 15 a 25 anos
	<input type="checkbox"/> de 25 a 40 anos	<input type="checkbox"/> mais de 40 anos	
Qual sua ocupação?			

PRIMEIRA ETAPA: momento anterior a construção da Usina do Funil

1. Como era a paisagem de Macaia?

2. Qual era o ponto mais importante de Macaia? rua igreja Usina de Cal
 praça rio outro

3. Como era este lugar?

4. Como era o cotidiano em relação a:

Lugares que frequentava:

Qual era o contato com a natureza:

Onde ocorriam os eventos comemorativos:

O que fazia no tempo ocioso:

5. Como era o clima, a arborização e a infraestrutura?

6. O que faltava em Macaia?

SEGUNDA ETAPA: da construção da Usina do Funil aos dias de hoje

7. Como é a paisagem de Macaia?

8. Qual é o ponto mais importante de Macaia? rua igreja Usina de Cal
 praça rio outro

9. Como é este lugar?

10. Como é o cotidiano em relação a:

Lugares que frequenta:

Qual é o contato com a natureza:

Onde ocorrem os eventos comemorativos:

O que se faz no tempo ocioso:

11. Como é o clima, a arborização e a infraestrutura?

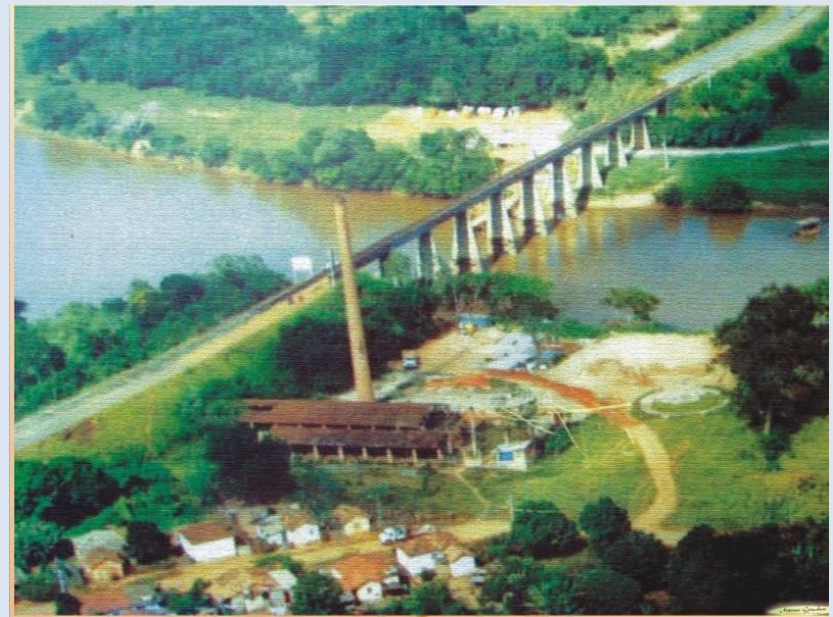
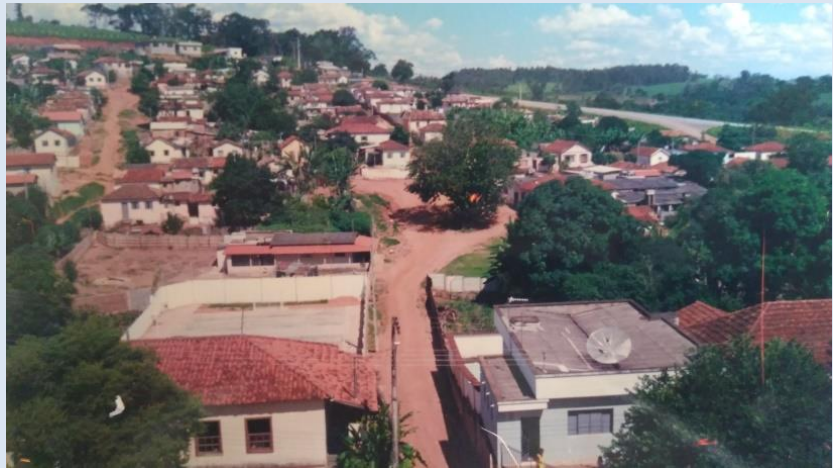
12. O que falta em Macaia?

TERCEIRA ETAPA: apresentação das fotografias

13. O que você sente ao ver estas fotos?

a) Macaia antes da Usina do Funil







b) Macaia durante a construção da Usina do Funil





c) Macaia após da Usina do Funil





“Condomínio Vivert Santuário Náutico”.



“Condomínio Riviera”.

A população de Macaia estimada pela Prefeitura Municipal compõe-se de aproximadamente 900 moradores. A amostra considerou a proporção de 700 adultos, assim, foram realizadas 35 entrevistas nos dias 16, 17 e 18 de janeiro de 2018, nas vias públicas ou nas residências dos entrevistados, contando com 15 mulheres e 20 homens.

Com relação à faixa etária, a maioria dos entrevistados se enquadrou na faixa de 40 a 54 anos (10); as faixas de 25 a 39 anos e 55 a 64 anos obtiveram o mesmo número de entrevistas (8) e foram seguidos pela faixa de mais de 65 anos (5) e a de 15 a 24 anos (4). Esta última faixa etária merece destaque, pois como a Usina possui 15 anos de operação, estes entrevistados eram crianças antes de sua implantação. O interessante desta diferenciação de idades foi à reação emotiva dos mais velhos ao serem apresentados às fotografias, diferente da reação de contemplação dos mais novos.

Quanto à renda, a maioria situa-se na faixa entre 01 a 03 salários mínimos (12 pessoas), seguidos pela faixa de até 01 salário mínimo (10) e sem renda (6). Nas faixas de 3 a 6 salários mínimos foram efetuadas 04 entrevistas; 02 para a faixa 6 a 9 salários mínimos e 01 na faixa mais de 12.

Com relação à escolaridade, grande parte dos entrevistados possuem ensino médio completo (14) seguidos pelo ensino superior (8), pelo fundamental incompleto (5), fundamental completo (4), estudando (2) e pós-graduação (2).

Quanto ao tempo que residem no Distrito, a grande maioria já vivia em Macaia antes da implantação da Usina, o que revela familiaridade com o local.

APÊNDICE B - entrevistas

ENTREVISTADO	SEXO	FAIXA ETÁRIA	RENDA (salário mínimo – SM)	ESCOLARIDADE
1	feminino	55 a 64 anos	1 a 3 SM	fundamental incompleto
2	feminino	40 a 54 anos	1 a 3 SM	médio
3	feminino	55 a 64 anos	1 SM	fundamental
4	masculino	mais de 65 anos	1 a 3 SM	fundamental
5	feminino	mais de 65 anos	1 SM	fundamental incompleto
6	masculino	55 a 64 anos	3 a 6 SM	médio
7	feminino	40 a 54 anos	sem renda	superior
8	masculino	40 a 54 anos	acima de 12 SM	pós-graduação
9	feminino	25 a 39 anos	1 SM	médio
10	masculino	40 a 54 anos	3 a 6 SM	médio.
11	feminino,	25 a 39 anos	1 SM	médio
12	masculino	mais de 65 anos	1 SM	fundamental incompleto
13	feminino	55 a 64 anos	1 SM	fundamental incompleto
14	masculino	55 a 64 anos	1 a 3 SM	superior
15	masculino	mais de 65 anos	1 a 3 SM	fundamental
16	masculino	40 a 54 anos	3 a 6 SM	superior
17	masculino	mais de 65 anos	1 a 3 SM	fundamental incompleto

